

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CAMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA BILÍNGUE

KARISSA ALVES OKA ARAÚJO

O BULLYING NA ESCOLA NA PERSPECTIVA DAS PROFESSORAS E
PROFESSORES: ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA

APARECIDA DE GOIÂNIA
2019



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: Karissa Alves Oka Araújo

Matrícula: 20161090080090

Título do Trabalho: Bullying Na Escola Na Perspectiva Das Professoras e Professores: Análise Bibliográfica

Autorização - Marque uma das opções

1. ☒ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2. ☐ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (embargo);
3. ☐ Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

- ☐ O documento está sujeito a registro de patente.
☐ O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
☐ Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Aparecida de Goiânia 21/01/2020
Local Data

Karissa Alves Oka Araújo
Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CAMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA BILÍNGUE

KARISSA ALVES OKA ARAÚJO

**O BULLYING NA ESCOLA NA PERSPECTIVA DAS PROFESSORAS E
PROFESSORES: ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA**

Trabalho de Conclusão de Curso, no formato de monografia, apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia Bilíngue, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Campus Aparecida de Goiânia/IFG, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia Bilíngue.

Orientadora: Profa. Dra. Keith Daiani da Silva Braga.

APARECIDA DE GOIÂNIA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A658 Araújo, Karissa Alves Oka

Bullying na escola na perspectiva das professoras e professores: análise bibliográfica/ Karissa Alves Oka Araújo. - Aparecida de Goiânia, 2019. - 85 f. il.

Orientadora: Dra. Keith Daiani da Silva Braga.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás: Campus Aparecida de Goiânia, Licenciatura em Pedagogia Bilíngue, 2019.

1. Educação. 2. Escola. 3. Bullying. 4. Docentes. I. Título

CDD 370.15

Catalogação na publicação:
Suzane Gonçalves Duarte – CRB 1/2746



TERMO DE APROVAÇÃO

KARISSA ALVES OKA ARAÚJO

O BULLYING NA ESCOLA NA PERSPECTIVA DAS PROFESSORAS E PROFESSORES:
ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Aparecida de Goiânia - como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia Bilíngue, sob orientação da Dra. Keith Daiani da Silva Braga.

Aprovado em 06 de dezembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Keith Daiani da Silva Braga
(Presidente - orientadora)

Dra. Aleir Ferraz Tenório
(Membro Interno)

Dra. Alciane Barbosa Macedo Pereira

(Membro Interno)

Dedico este trabalho a minha família que sempre esteve comigo me apoiando e dando forças nos momentos difíceis, em especial ao meu esposo e filha, minhas grandes inspirações, que sempre com muito carinho e paciência, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa tão importante na minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus por me proporcionar tantas conquistas, por me guiar pelos caminhos certos e me oportunizar ingressar no Instituto Federal de Goiás, mesmo não acreditando que eu poderia conseguir, e além disso, me proporcionar seguir até este momento de conclusão do curso. Apesar de diversos momentos difíceis, Deus sempre me deu forças para lutar e continuar, portanto, só tenho realmente o que agradecer.

Gostaria de agradecer imensamente a minha professora orientadora doutora Keith Daiani da Silva Braga, pela disposição e empenho durante todo o processo de construção do trabalho de conclusão de curso. Agradeço pela paciência, pelas dicas, orientações, sugestões, pela generosidade, contribuições fundamentais e imprescindíveis sempre, e total apoio, que ao longo de todos os momentos recebi, para elaboração do projeto, meus sinceros agradecimentos por tudo.

Agradeço também as professoras Doutoras Alciane Barbosa Macedo Pereira e Aleir Ferraz Tenório, por terem aceito participar da banca examinadora e por suas significativas contribuições, por todo apoio e auxílio que me foi dado no decorrer da minha formação acadêmica e pessoal ao longo desses anos.

Aos meus pais, que sempre me ajudaram e incentivaram na busca pelos meus sonhos, sendo sempre grandes exemplos para mim.

Ao meu esposo e filha, que são muitos especiais na minha vida, minhas grandes alegrias. Agradeço pelo apoio que me deram e compreensão nesta fase tão importante. Sabemos mais do que ninguém, que foram momentos difíceis, mas sempre seguiram me apoiando, obrigado pelo carinho, amor e dedicação que vocês sempre tiveram comigo.

...todos ignoravam o que acontecia. Agiam como se nada soubessem. Estudantes, professores, funcionários da escola pareciam não ver nada. Talvez acreditassem que era coisa de criança mesmo.

Cleo Fante

RESUMO

A nossa pesquisa aborda o fenômeno *bullying*, na perspectiva dos professores e professoras. Tema que ganhou mais ênfase em nosso país nas últimas duas décadas. O *bullying* pode ser definido em termos gerais como atos repetidos de violência física, verbal e psicológica. Comportamentos típicos do fenômeno em ambiente educacional são: empurrões, chutes, beliscões, murros, apelidos, discriminação e exclusão. Tais atos costumam ser direcionados a pessoas com características físicas, étnico-raciais, gênero, orientação sexual e condição socioeconômica específica. As violências nem sempre recebem a importância devida, sendo por vezes ignoradas e consideradas como meras brincadeiras. O objetivo de nossa pesquisa foi analisar as visões docentes sobre o *bullying* por meio de levantamento de estudos que focaram nessa temática. Analisamos o que os e as docentes pensam sobre o *bullying*, bem como quais foram as ações por eles e elas tomadas diante dos casos. Para atingir o objetivo da pesquisa, realizamos um estudo de caráter qualitativo, do tipo bibliográfico, com base nos dados da CAPES e também pela Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações BDTD. Após a análise geral, obtivemos três resultados principais: a) O levantamento quantitativo das pesquisas que centralizavam o *bullying* na perspectiva das e dos docentes, que demonstraram resultado no qual quatro das cinco tabelas apresentadas aqui, a temática do *bullying* na visão das e dos docentes foram poucas, apenas na quinta tabela, os resultados obtidos foram um pouco maior em relação ao total de pesquisas pelo termo de busca utilizado; b) Sobre as concepções das professoras e professores quanto ao *bullying*, os três trabalhos escolhidos para análise evidenciaram que, na pesquisa da autora Samara Pereira Oliboni, realizado no ano de 2008, a concepção que se tinha sobre a temática não era muito elaborada, não estava muito clara; a segunda pesquisa realizada pela autora Marina de Oliveira Chiorlin no ano de 2016, mostrou avanços quanto a compreensão do fenômeno; no terceiro trabalho analisado, da autora Flavia Carvalho de Malta Mello, do ano de 2018, já podemos notar relatos mais elaborados, mais próximos a definição do termo, as professoras e professores conseguem formar uma concepção melhor sobre a temática do *bullying*. Analisando os relatos das três pesquisas, podemos dizer que houve sim avanços, embora alguns ainda se mostrem inseguros em atribuir as ações presenciadas como *bullying* propriamente. c) Como terceiro resultado, as ações que os professores tomaram frente ao fenômeno *bullying* nos três trabalhos analisados, podem ser caracterizados em três tipos: consideram como brincadeira, coisa da idade; se sentem sozinhos quanto a práticas que poderiam desempenhar melhor no enfrentamento do fenômeno; e não enfrentam, fazem de conta que nada veem. As análises foram realizadas com amparo teóricos das autoras: Fante (2005), Carvalho (2011), Ristum (2010) e Francisco e Libório (2009). Para encerrar, após o trajeto de pesquisa construído, seguimos acreditando que, para enfrentar o *bullying*, as professoras e professores são peças-chaves, pois permanecem mais tempo com as alunas e alunos e também tem maior influência na construção das identidades estudantis.

Palavras-chave: Educação; Escola; *Bullying*; Docentes.

ABSTRACT

Our research addresses the bullying phenomenon from the teachers' perspective. Theme that has gained more emphasis, in our country, in the last two decades. Bullying can be broadly defined as repeated acts of physical, verbal and psychological violence. Typical behaviors of the phenomenon in an educational environment are: pushing, kicking, punching, insults, discrimination and exclusion. Such acts are usually directed at people with physical, ethnic and racial characteristics, gender, sexual orientation and specific socioeconomic status. Violence is not always given due importance and is sometimes ignored and considered as a joke, or unimportant. The objective of our research was to analyze the teaching views on bullying by surveying studies that focused on this theme. We analyze what teachers think about bullying, as well as what actions they took and how they were taken in the face of cases. To achieve the objective of the research, we conducted a qualitative study, bibliographic type, based on data from CAPES and also by the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations. After the general analysis, we obtained three main results: a) The quantitative survey of the research that centralized bullying from the perspective of teachers, which showed results in which four of the five tables presented here, the theme of bullying from the perspective of teachers there were few, only in the fifth chart, the results were slightly higher in relation to the total searches for the search term used; b) Regarding the teachers' conceptions regarding bullying, the three papers chosen for analysis showed that, in the research of author Samara Pereira Oliboni, conducted in 2008, the conception of the theme was not very elaborate, not it was very clear; the second research conducted by the author Marina de Oliveira Chiorlin in 2016, showed advances in understanding the phenomenon; In the third work analyzed, by author Flavia Carvalho Malta Mello, from the year 2018, we can already notice more elaborate reports, closer to the definition of the term, teachers are able to form a better conception on the theme of bullying. Looking at the reports of the three surveys, we can say that there have been advances, although some are still unsure in attributing the actions testified as bullying itself properly. c) As a third result, the actions that the teachers took against the bullying phenomenon in the three analyzed works can be characterized in three types: they consider as a joke, a thing of age; feel alone about practices that could perform better in coping with the phenomenon; and don't face it, pretend not to see. The analyzes were carried out with theoretical support of the authors: Fante (2005), Carvalho (2011), Ristum (2010) and Francisco and Libório (2009). To conclude, after the research path built, we continue to believe that, to face bullying, teachers are very unimportant, as they spend more time with students and also have greater influence on the construction of student identities.

Keywords: Education; School; Bullying; Teachers.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Resultados da CAPES sobre "Bullying na escola".....	24
Gráfico 2 - Resultados da CAPES sobre "Bullying escolar"	25
Gráfico 3 - Resultados da CAPES sobre "Bullying"	26
Gráfico 4 - Resultados da BDTD sobre "Bullying na escola"	27
Gráfico 5 - Resultados da BDTD sobre Bullying professores.	28

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

ABRAPIA	- Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e a Adolescência
BDTD	- Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertação
CAPES	- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
LGBTs	- Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros
UNESCO	- Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 OS CAMINHOS DA PESQUISA: DAS ESCOLHAS INICIAIS ÀS FONTES PESQUISADAS	17
2 BULLYING: DEBATE CONCEITUAL	31
3 BULLYING NA VISÃO DOCENTE: CONCEPÇÕES E AÇÕES	47
3.1 O QUE OS E AS DOCENTES PENSAM SOBRE <i>BULLYING</i>	52
3.2 AS ATITUDES TOMADAS PELAS PROFESSORAS E PROFESSORES DIANTE DO BULLYING	62
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS	83

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso, na Licenciatura em Pedagogia Bilíngue, tem como tema o *bullying* escolar, que tem grande relevância na atualidade, por acreditamos ser um fenômeno preocupante e frequente entre alunos e alunas. Acreditamos na necessidade de mais estudos, de diferentes prismas, para possibilitar um enfrentamento mais adequado do problema.

O recorte que fizemos para estudar a temática se refere a compreensão do tema pelos professores e professoras. Sabemos que é importante analisar: como toda a instituição responde aos casos de *bullying*, o que levam os alunos e alunas a praticar o *bullying*, como tais ações ocorrem, em quais contextos, os papéis desempenhados neste ato, os diversos prejuízos e fatores que atravessam a trajetória escolar dos e das estudantes, contudo, nós optamos por analisar em específico a visão docente, por acreditarmos que os professores e professoras sejam, além de mediadores do conhecimento e relações sociais, adultos de referência para alunas e alunos, sendo assim, uma peça importantíssima no combate ao *bullying*.

Nossa pesquisa, aqui apresentada teve então, como objetivo central, compreender o que as e os docentes pensam sobre o *bullying* e quais ações são construídas por tais profissionais para minimizar o problema. Os objetivos específicos deste estudo foram: identificar quantitativamente os trabalhos de pesquisa que centralizaram as perspectivas docentes sobre o *bullying* no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e também da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações BDTD, selecionar os estudos que consideramos adequados ao tema, e analisar nos trabalhos as narrativas dos professores e professoras sobre os casos de *bullying*.

A palavra inglesa “*bullying*” surgida na Noruega na década de 1970, vem ganhando cada vez mais espaço em muitos países europeus, Estados Unidos e nas últimas duas décadas destaque gradativo no Brasil. O *Bullying* escolar em termos gerais, diz respeito a atos repetidos de violência física, verbal e psicológica praticados na escola. Apesar de ser um termo amplamente utilizado em instituições escolares brasileiras a temática não é estudada por diferentes perspectivas no campo da Educação.

Como apresentam Antunes e Zuin (2008), diversos estudos têm caracterizado como comportamentos típicos do *bullying* em ambiente educacional: empurrões, chutes, beliscões, murros, apelidos, discriminação e exclusão, que acontecem entre estudantes de forma repetitiva. Na revisão bibliográfica realizada pelos autores acima citados, parte das agressões costumam se direcionar a grupos com características físicas, étnico-raciais, gênero, orientação sexual e condição socioeconômica específicas. Em outras palavras, podemos dizer que não é possível entender a existência atual do *bullying* na escola sem considerar que ele acontece alinhado com o racismo, a homofobia, o machismo, o capacitismo¹, o preconceito social entre outros marcadores sociais de diferença.

A pesquisa de conclusão de curso nessa temática tem grande relevância social, pois sabemos que os grupos historicamente inferiorizados: as mulheres, os negros e negras, as pessoas com necessidades especiais, LGBTQs, entre outros costumam ter uma trajetória escolar marcada por preconceitos, discriminações, menosprezo e agressões. Nesse sentido, os resultados do nosso estudo, vai contribuir com a luta pela escola realmente inclusiva, que enfrenta toda forma de exclusão e violência. Ainda que o nosso foco não tenha sido o estudo dos atos de *bullying* em si, nós compreendemos a importância e contribuição que podemos dar com a formação docente. Uma ou um profissional formado em Pedagogia atua geralmente nas fases iniciais da educação básica, deste modo, o processo trilhado de construir uma pesquisa sobre o *bullying* constrói, também, ferramentas para atuar combatendo essa forma de violência, entre as crianças, desde cedo e educando para a paz.

Acreditamos, que apesar de ser um tema da escola, não tem sido pensado na Educação, com foco em ações pedagógicas. Precisamos identificar e analisar o que os professores e professoras pensam sobre o *bullying*, quais as opiniões, dúvidas, interpretações e de que maneira eles e elas têm agido diante dele. Além disso, as autoras e autores estudiosos do tema, como a Fante (2005), focam que é preciso ampliar as ações de sala de aula, pensar projetos de conscientização e formação contra o *bullying* e assim, a Pedagogia tem muito a colaborar. É, por exemplo, papel da direção e coordenação pedagógica pensar tais ações, ter metas e estratégias para garantir uma boa convivência e trajetória escolar às crianças.

¹ Toda forma de discriminação, preconceito e inferiorização das pessoas com deficiência.

O recorte para dar foco a visão dos professores e professoras sobre o tema foi feito por acreditarmos que mesmo sendo atual, o *bullying* não é trabalhado, especificamente nas licenciaturas, proporcionando bases melhores para nós, futuros e futuras docentes. Frente a esta questão, pensamos que, mais estudos precisam ser realizados para que futuramente os professores e professoras se sintam mais preparados para lidar com tal fenômeno como o *bullying*, que por diversas vezes prejudica o desempenho, a permanência e afeta até mesmo a vida social dos e das discentes. Sendo este tema muito amplo e de extrema importância a posição do e da docente para evitar estas ações no contexto escolar e em sala de aula, torna-se fundamental um estudo mais aprofundado sobre os acontecimentos do *bullying* no ambiente escolar.

É preciso enfatizar a cultura de paz, do respeito aos direitos fundamentais do ser humano, é preciso ainda valorizar mais a troca de experiências e aprender com elas, é necessário que se respeite o pensamento do próximo e que os olhares sejam de mais igualdade, respeitando as diferenças, desconstruindo assim o preconceito, a discriminação, sejam essas de diferença de gênero, de orientação sexual, racial, funcional, social, religiosa, cultural entre outros.

Nossa pesquisa realizada foi qualitativa e de caráter bibliográfico, nós obtivemos dados (narrativas docentes) a partir de análises realizadas em dissertações e teses sobre o *bullying* que serão detalhadas no primeiro capítulo com título: “Os caminhos da pesquisa: das escolhas iniciais às fontes pesquisadas”.

Nós realizamos tal escolha por atualmente já existir diversas pesquisas de mestrado e doutorado de qualidade, em universidades públicas, sobre a temática de modo geral. Ao invés de realizarmos uma nova produção de dados, em período menor e com menos condições, decidimos explorar o que já foi feito, mas com um recorte novo, um novo olhar, com destaque para os professores e professoras.

Em termos de referencial teórico, nosso estudo foi realizado com base nas discussões empenhadas por: Fante (2005), Ristum (2010), Francisco e Libório (2009), Olweus (1991) entre outros pesquisadores e pesquisadoras que abordam e já pesquisaram o tema. Este trabalho de conclusão de curso está dividido da seguinte maneira: iniciamos com o primeiro capítulo em que apresentamos o percurso da pesquisa que se desdobra desde as primeiras ideias até os trabalhos de análise escolhidos, no segundo capítulo, discutimos o conceito de *bullying* e no terceiro capítulo, fazemos as análises sobre as ações das professoras e professores nas três

pesquisas escolhidas, em seguida, fechamos o trabalho nas considerações finais seguido das referências bibliográficas.

1 OS CAMINHOS DA PESQUISA: DAS ESCOLHAS INICIAIS ÀS FONTES PESQUISADAS

Oliveira (1998, p. 17) nos informa que quando pensamos em metodologia, métodos de pesquisa, estamos nos referindo a “um percurso escolhido entre outros possíveis”, portanto, o objetivo do capítulo é apresentar o caminho que traçamos nesta pesquisa desde as motivações específicas até a fonte.

A escolha do estudo para a temática do *bullying* escolar na perspectiva dos professores e professoras, foi feita por acreditarmos se tratar de um fenômeno que merece mais estudos e pesquisas. O olhar sobre tais acontecimentos muitas vezes é voltado apenas para os alunos e alunas, e isso de início foi um incômodo já sentido, por nós, quando começamos a pensar o tema. Queríamos desde o princípio trazer um olhar diferente para o assunto.

O tema me² remete a lembranças de ações de *bullying* que presenciei, no qual fui alvo. Lembro-me que tais ações não foram testemunhadas pelos professores e professoras, impossibilitando possíveis interferências. Por tais ações terem ocorrido até mesmo comigo e por acreditar que o *bullying* pode e deve ser minimizado se projetos forem trabalhados desde cedo nas instituições escolares, me engajo nesta pesquisa para, até mesmo buscar, mais conhecimento para que futuramente, no papel de licenciada no Curso de Pedagogia Bilíngue, possa desempenhar um bom trabalho para com as alunas e alunos, enfatizando sempre um bom convívio social, que tenha como base o respeito às diferenças, à inclusão, à ética, à moral, à solidariedade, procurando ser sensível na possibilidade de identificar os problemas dos e das estudantes e enfrentá-los.

Ao refletir sobre Educação, é impossível não pensarmos a respeito do posicionamento dos e das docentes frente a vários problemas que possam surgir no contexto escolar. Compreendendo ser este ambiente grande potencializador, seja positivamente ou negativamente na vida das e dos discentes, é essencial que se busque a conscientização dos mesmos para que possam trilhar bons caminhos nesta etapa tão importante que é a trajetória escolar.

² Para justificar a escolha, recorreremos a primeira pessoa do singular, como modo de trazer as posições também pessoais e de vida que motivaram a escolha do tema.

Ao longo do levantamento bibliográfico para escrever o projeto, notamos que a temática do *bullying* escolar ainda é negligenciada, do ponto de vista pedagógico e tratada, muitas vezes, como algo natural, comum ao ambiente da escola, corriqueiro e sem importância, tal pensamento deveria ser deixado de lado, uma vez que o fenômeno pode acarretar a vários problemas até mesmo sociais.

As primeiras reflexões que encontramos, como já mencionamos na introdução, nos levaram a pensar o *bullying* articulado com outras questões como o racismo, machismo, homofobia, capacitismo entre outros.

Por exemplo, a pesquisa realizada por Oliveira et al (2012), nos mostra que o *bullying* costuma ser praticado por meninos na maioria dos casos. No estudo foi levantada a porcentagem de 72% alunos agressores meninos. Já sobre a frequência e as características de quem sofreu as agressões nós temos: a questão da aparência do corpo 18,6%, em seguida, a aparência do rosto com 16,2%, raça/cor com 6,8%, orientação sexual 2,9%, religião com 2,5% e região de origem com 1,7%. Estes dados foram coletados em uma pesquisa realizada no Brasil (OLIVEIRA, SILVA, MELLO, PORTO, YOSHINAGA E MALTA, 2012).

Por meio desses dados tivemos a ideia inicial de estudar o tema entrelaçado com outros problemas sociais que atravessam o espaço escolar e marcam seriamente as trajetórias escolares.

O título do nosso pré-projeto para o Trabalho de Conclusão do curso, era: “Bullying escolar e as Intersecções do Machismo, Homofobia, Racismo e Capacitismo”.

Após as primeiras reuniões e leituras começamos a perceber que embora fosse uma ótima temática, o tempo previsto para entrega do trabalho poderia não ser o suficiente para contemplar tantas questões. Estudar o racismo, ou somente a questão de gênero junto com a de *bullying* já nos exigiria um tempo muito grande de estudo e tempo, e assim, nos debruçar sobre quatro formas de desigualdade se tornou inviável. Por esse motivo, decidimos restringir um pouco mais o tema do trabalho para desenvolver melhor e poder assim aprofundar mais no assunto escolhido.

Trouxemos de volta as nossas primeiras preocupações com a formação docente. Desta forma, o tema foi repensado e ficou da seguinte maneira: “O Bullying na Escola na Perspectiva das professoras e professores: Análise Bibliográfica”. A pesquisa continuou tendo como ponto chave o conceito de *bullying*, mas optamos por aprofundar no que as e os docentes compreendem sobre o tema, uma vez que as

educadoras e os educadores têm papel fundamental para com as e os educandos, necessitando ter o olhar mais sensível sobre diversos aspectos.

Nossos objetivos também se alteraram e de forma detalhada ficaram da seguinte forma:

Objetivo Geral: Analisar as visões docentes sobre o *bullying* a partir de teses e dissertações da temática que tiveram como foco o papel dos professores e professoras.

Objetivos Específicos:

- Identificar quantitativamente os trabalhos de pesquisa que centralizaram as perspectivas docentes sobre o *bullying* no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e pela Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações BDTD.
- Classificar e analisar o que os professores e professoras dos trabalhos selecionados consideram *bullying* na escola.
- Compreender quais foram as ações docentes tomadas diante de casos de *bullying* no espaço escolar.

Como já mencionamos na introdução, nossa pesquisa foi qualitativa. Ou seja, apesar de fazermos um levantamento quantitativo sobre quais estudos falaram sobre *bullying* na visão das e dos professores, conforme falamos nos objetivos, o estudo teve como foco analisar o que os docentes pensam ser *bullying* e quais ações foram tomadas. Ou seja, pensamos as crenças, opiniões, visões dos professores e professoras sobre o *bullying*.

Córdova e Silveira (2009), em suas leituras de Goldenberg (1997), definem a pesquisa qualitativa como aquela que não está preocupada com uma representatividade numérica e sim com o estudo aprofundado à compreensão de um grupo social. A pesquisa qualitativa vai contra um modelo único de pesquisa para todas as ciências, defendendo uma pesquisa que não prevaleça julgamentos, preconceitos e crenças próprias do pesquisador ou pesquisadora.

Ainda segundo as autoras acima citadas, métodos qualitativos em pesquisas, visam explicar o porquê das coisas, expondo o que cabe ser feito, não dimensionam

quantitativamente valores, nem realizam provas de fatos. O intuito nestas pesquisas não é, portanto, medir ou dar resultados precisos.

Pesquisas qualitativas seguem desdobramentos quanto a aspectos da realidade que geralmente não podem ser quantificados, atentando-se mais a explicação e compreensão dos fatos recorrentes nas relações sociais. Córdova e Silveira (2009), concordam com Minayo (2001), quanto a definição de pesquisa qualitativa, que se dá pelo trabalho com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, correspondendo a aspectos mais profundos das relações, processos e fenômenos que não podem ser medidos.

As características da pesquisa qualitativa são descrever, compreender, explicar e analisar determinado fenômeno (CÓRDOVA, SILVEIRA, 2009).

Uma das desvantagens expostas pelas autoras no que se refere à pesquisa qualitativa é a confiança excessiva no investigador ou investigadora como instrumento de coleta de dados. É preciso atenção para conseguir construir uma pesquisa com fundamentos, para que não coloque em risco a qualidade do trabalho (CÓRDOVA, SILVEIRA, 2009).

Córdova e Silveira (2009), ao citar Fonseca (2002), diferenciam a pesquisa quantitativa da qualitativa, sendo quantitativas aquelas que podem ser quantificadas. É uma pesquisa mais objetiva, segue certo padrão e é considerada por muita gente como mais neutra. Ela traz uma maior abrangência de dados ou informações.

Ao comparar pesquisa qualitativa e quantitativa, as autoras citadas ressaltam que enquanto a pesquisa quantitativa evidencia uma quantidade pequena de conceitos, e tem uma coleta de dados mais formal, a pesquisa qualitativa em oposto, procura compreender em totalidade o fenômeno mais do que foca em conceitos específicos, utiliza-se de coleta de dados sem instrumentos formais e estruturados, ressalta e valoriza o subjetivo como meio de compreender e interpretar as experiências.

A pesquisa que aqui desenvolvemos no nosso Trabalho de Conclusão de Curso é além de qualitativa, bibliográfica. Ela tem como base o estudo de referências bibliográficas que relatam questões sobre o *bullying* no ambiente escolar na perspectiva do e da professora. De forma geral, o estudo tem como foco entender quais são as concepções e as ações que as professoras e professores tem em relação ao *bullying*.

A pesquisa bibliográfica de acordo com Gil (2002), é feita principalmente em livros e artigos científicos, com base em material já elaborado. Existem pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Podemos dizer que a principal vantagem da pesquisa bibliográfica é permitir uma cobertura mais ampla do que poderia se pesquisar diretamente. As fontes bibliográficas são, os livros, revistas, artigos, teses, dissertações, relatórios de pesquisas entre outras fontes.

Marcone e Lakatos definem por pesquisa bibliográfica ou fonte secundárias, como toda aquela que:

[...]abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, querem publicadas quer gravadas (MARCONE, LAKATOS, 2007, p.71).

As autoras Marcone e Lakatos (2007, p.71), ao citar Manzo (1971), enfatizam o pensamento, quanto a pesquisa bibliográfica, dizendo que a bibliografia pertinente “oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizaram suficientemente”, que o objetivo é reforçar ao decorrer de análises realizadas nas pesquisas as informações, tornando assim, a pesquisa bibliográfica capaz de ao examinar ou analisar um tema, dar novo foco a ele, uma nova visão, percebendo novas possibilidades. O que mostra que tal pesquisa não pode ser considerada como mera repetição do que já foi abordado ou escrito.

Lima e Miotto (2007), ao citar Salvador (1986), descreve que a pesquisa bibliográfica necessita de atenção e de foco quanto aos objetivos propostos, ressaltando que algumas etapas devem ser seguidas, sendo que todos os passos podem ser considerados complementares a outros e de extrema importância. Etapas citadas pelas autoras nesta construção da pesquisa são: elaboração do projeto de pesquisa; investigação das soluções; análise explicativa das soluções e síntese integradora.

As autoras ainda enfatizam que na pesquisa bibliográfica, a principal ferramenta no processo de identificação de dados, é a leitura, que possibilitará maior análise dos materiais e a qualidade dos mesmos. De acordo com Salvador (1986), as

pesquisadoras falam que leituras sucessivas do material se faz necessário para que seja possível extrair de fato todas as informações. Cita várias formas de leitura como importantes neste processo como: a leitura de reconhecimento do material bibliográfico; a leitura exploratória; a leitura seletiva; a leitura reflexiva ou crítica e a leitura interpretativa, sendo considerada esta última o momento mais complexo.

Nossa pesquisa passou por algumas fases principais. A primeira etapa do estudo teve como foco levantar artigos, livros, dissertações, teses e textos que trazem o significado do termo “Bullying”, sua origem, história e definição, os tipos de manifestações e problemas acarretados no campo da Educação.

A segunda etapa foi a seleção dos trabalhos científicos (teses e dissertações) que abordaram o *bullying* na escola, no campo da Educação, para fazer um levantamento geral dos trabalhos no Banco de Teses e Dissertações da CAPES e pela Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações BDTD. Utilizamos alguns filtros específicos para avaliar os resultados, como área, ano, expressões. O levantamento foi realizado de agosto a setembro de 2019.

No terceiro momento, classificamos por meio dos resumos destes trabalhos, os focos de cada estudo, para filtrar especificamente aqueles que abordavam os professores e professoras.

No quarto momento, acessamos os estudos que abordavam os e as docentes e dentre eles escolhemos um número, considerado por nós, adequado para trabalhar e dentro dos trabalhos escolhidos rastreamos, o que os e as docentes acreditam ser o *bullying* e como agem diante dele.

Por último, no quinto momento fizemos uma análise das narrativas selecionadas dos professores e professoras. Descreveremos abaixo, em maiores detalhes, como foram as nossas seleções.

Utilizamos para a pesquisa, nos bancos de dados a palavra *bullying* de diversas formas, com aspas, sem aspas, sem filtros, com filtros e realizamos algumas escolhas para analisar estes resultados encontrados. O caminho percorrido para a pesquisa foi inicialmente no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES na respectiva ordem:

1º- “Bullying”: encontramos 643 resultados sem utilizar filtros.

2º- “Bullying na escola”: encontramos 45 resultados sem filtro.

3º- “Bullying escolar”: encontramos 78 resultados sem filtro. Com filtro nos últimos 3 anos, encontramos 27 resultados.

4º- “bullying professores”: encontramos 01 resultado sem filtro.

5º- Bullying professores: com filtro no ano de 2018, encontramos 6.250 resultados.

6º- Bullying professor: com filtro no ano de 2018, encontramos 3.865 resultados.

7º- Bullying docente: encontramos 0 resultados.

8º- “Bullying”: com filtro na área de conhecimento: Educação, ano: 2018, encontramos 21 resultados.

Após a busca inicial pelos termos, optamos por analisar 3 resultados. O segundo com o termo: “Bullying na escola” com 45 resultados, o terceiro com o termo de busca: “Bullying escolar”, com 27 resultados com filtro e o oitavo e último na busca, com o termo: “Bullying” com filtros e 21 resultados.

Realizamos buscas também na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações BDTD e a pesquisa se deu nesta respectiva ordem:

1º- Bullying: encontramos 359 resultados sem filtro.

2º- “Bullying na escola”: encontramos 39 resultados sem filtro.

3º- Bullying professores: encontramos 102 resultados sem filtro, devido ao grande número de trabalhos, utilizamos filtros no ano: 2018 e obtivemos 21 resultados.

Após realizarmos a busca pelos termos pensados, optamos por analisar a segunda busca com o termo: “Bullying na escola” com 39 resultados e também a terceira busca com filtro no qual obtivemos 21 resultados. Nas pesquisas realizadas, utilizamos três variáveis como forma de diferenciar e quantificar os trabalhos: a) o *bullying* na visão dos docentes; b) *bullying* em outras visões e c) trabalhos que não abordam o *bullying*.

Ao realizar a busca no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, ao utilizar para busca o termo: “Bullying na escola”, obtivemos 45 resultados sem filtros. Destes 45 resultados, apenas 08 se tratavam do *bullying* na visão dos docentes, 35 se tratavam do *bullying* em outras visões e 02 resultados não abordavam o *bullying* como demonstra o gráfico abaixo:

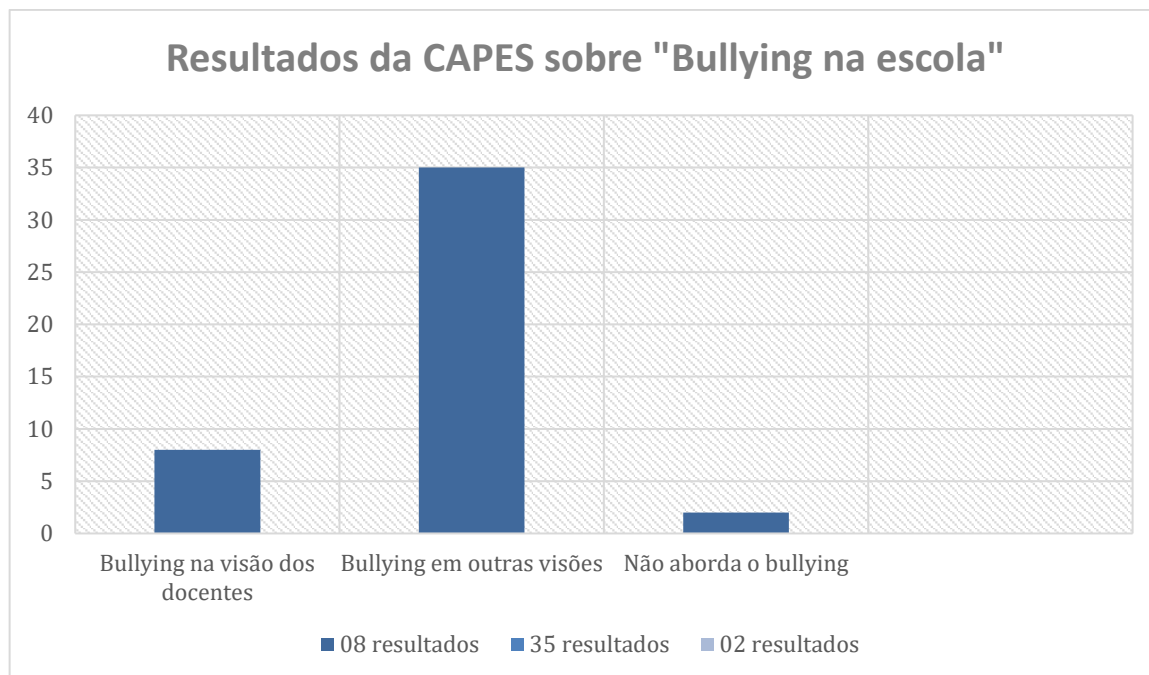


Gráfico 1 – Resultados da CAPES sobre "Bullying na escola".

Nesta busca, foi possível evidenciar que, com a utilização deste filtro, muitos trabalhos foram encontrados se tratando do *bullying*, mas a maior parte dos trabalhos tratava do *bullying* em outras visões, em outros campos de pesquisa.

Dando continuidade à pesquisa no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, ao utilizar o termo: "Bullying escolar" na busca, obtivemos 78 resultados sem filtros. Devido à grande quantidade de trabalhos encontrados, optamos por usar filtros pra limitar os resultados. Utilizamos o filtro dos trabalhos realizados nos três últimos anos, ou seja, de 2019, 2018 e 2017 e assim, obtivemos o resultado de 27 trabalhos. Destes 27 resultados, apenas 02 abordavam o *bullying* na visão docente, 24 se tratavam do *bullying* em outras visões e 01 não abordava o *bullying*, como demonstram o gráfico a seguir:

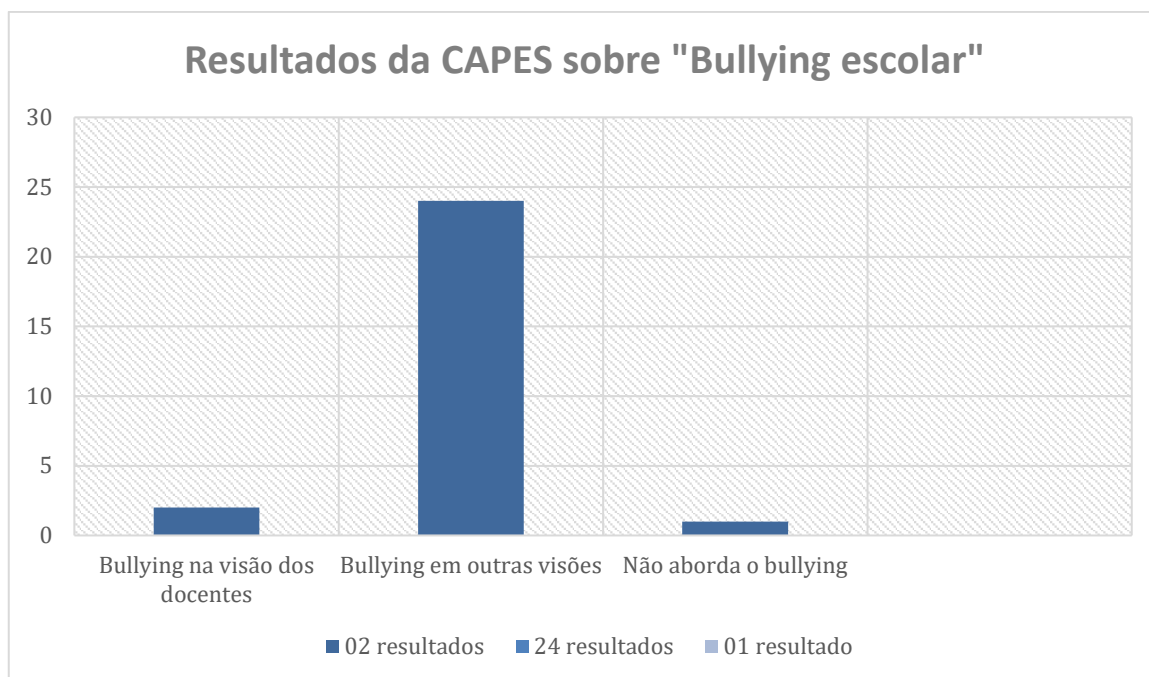


Gráfico 2 - Resultados da CAPES sobre "Bullying escolar"

Com o filtro descrito na tabela acima, novamente de forma muito parecida com os resultados de trabalhos anteriores a primeira tabela apresentada, de 27 trabalhos encontrados, a maioria trabalha o *bullying* em outras visões, não especificamente a docente, novamente um número alto de trabalhos que falavam sobre a temática, mas em outros campos de estudo.

Ainda segundo dados no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, ao utilizar o termo: "Bullying" com filtro, na área de conhecimento: Educação e com filtro no ano de 2018, foram encontrados 21 resultados. Destes 21 resultados, 04 se tratavam do *bullying* na visão dos docentes, 05 se tratavam de *bullying* em outras visões e 12 não abordava o *bullying*, como demonstra o gráfico abaixo:

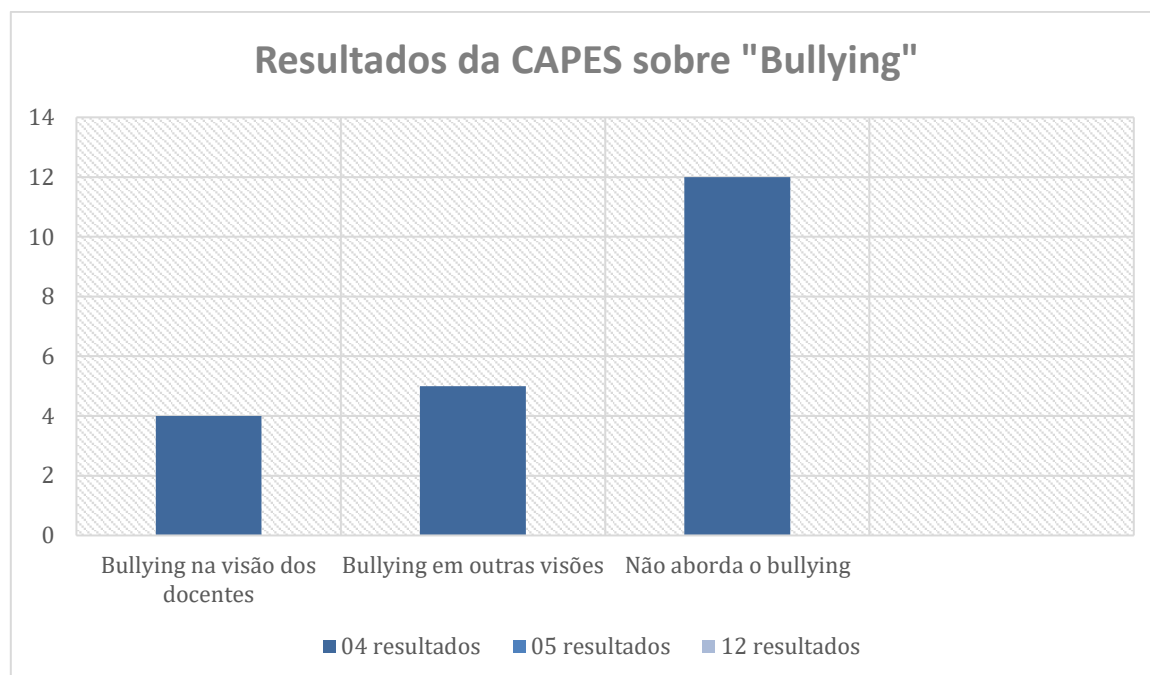


Gráfico 3 - Resultados da CAPES sobre "Bullying"

Com o filtro utilizado na tabela acima, apenas com o termo: "Bullying" entre aspas, foi possível notar que a maior parte dos resultados, com total de 12, fugiam do tema central da busca, se tratando de temas desconexos à pesquisa. A quantidade entre o *bullying* na visão dos docentes e em outras visões se mostraram parecidas trazendo um resultado de 04 trabalhos e 05 respectivamente.

Segundo os resultados de busca pela Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), utilizado o termo de busca: "Bullying na escola", sem filtros, obtivemos 39 resultados. Destes 39 resultados, apenas 05 se tratavam de *bullying* na visão dos docentes, 34 abordavam o *bullying* em outras visões e nenhum abordava temas desconexos à pesquisa, como demonstram o gráfico abaixo:

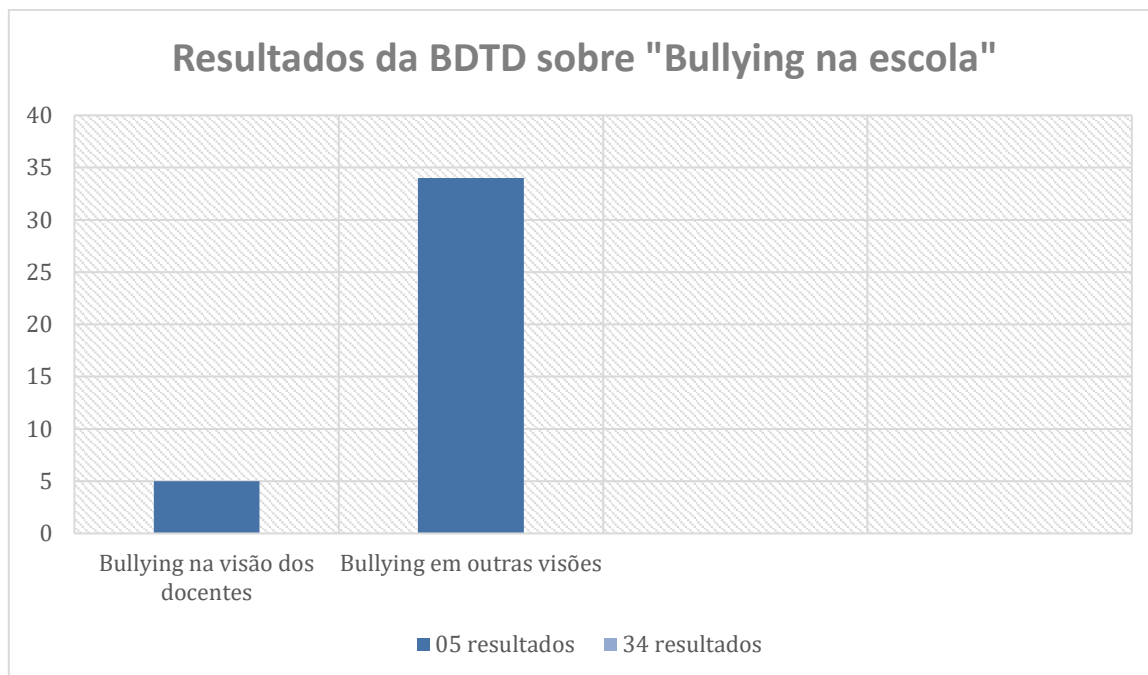


Gráfico 4 - Resultados da BDTD sobre "Bullying na escola"

Com o filtro utilizado no gráfico acima, diferente do gráfico anterior a essa pesquisa, todos os resultados se tratavam da temática *bullying*, não havendo trabalhos com temas desconexos. Apesar deste fator, a maior parte dos trabalhos encontrados se tratavam do fenômeno *bullying* em outras visões, por exemplo, da gestão escolar, dos alunos e alunas, dos pais e mães, na universidade. Do total de 39 resultados, apenas 05 se tratavam do *bullying* na visão dos docentes, o que é um número baixo de trabalhos.

Dando continuidade à busca no BDTD, ao realizar a busca utilizando o termo: Bullying professores, obtivemos o total de 102 resultados. Devido à grande quantidade de trabalhos encontrados, colocamos nestes resultados filtros para ajudar na busca. Colocamos o filtro utilizando as teses e dissertações realizadas do ano de 2015 até 2019. Com este filtro, foi possível limitar a busca e obtivemos 59 resultados. Destes 59 resultados, apenas 17 se tratavam do *bullying* na visão dos docentes, 13 se tratavam do *bullying* em outras visões e 27 destes resultados não abordavam o *bullying* como demonstram o gráfico abaixo:

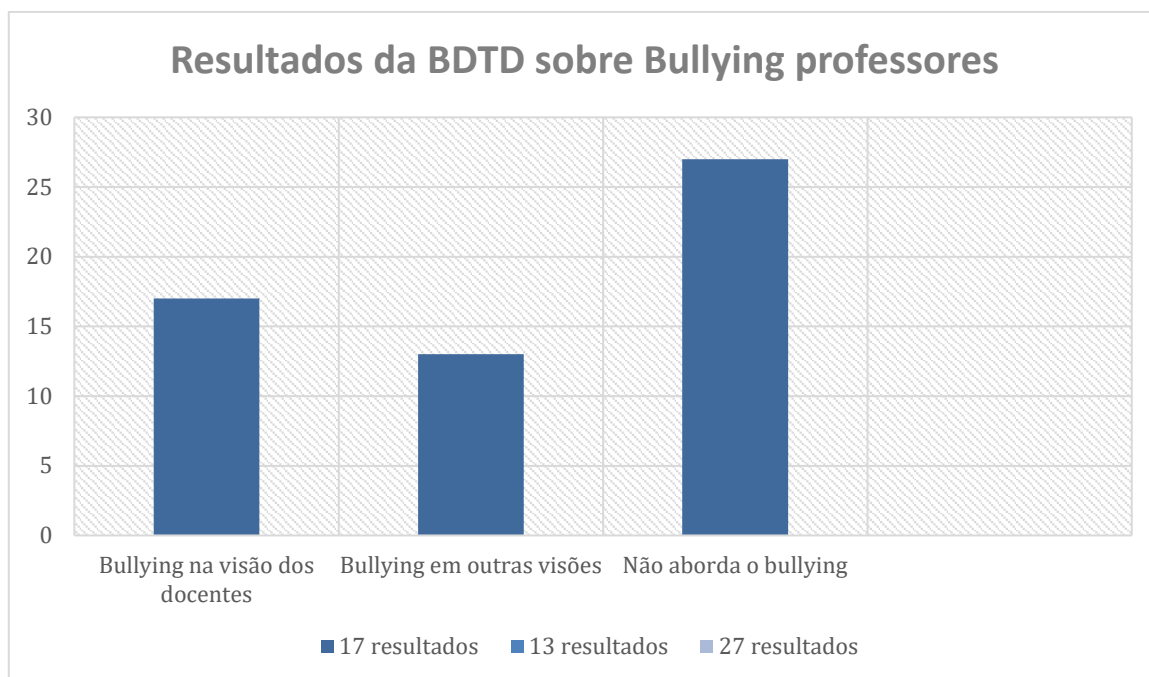


Gráfico 5 - Resultados da BDTD sobre Bullying professores.

Neste último gráfico da pesquisa realizada, com o termo de busca: bullying professores, os resultados para trabalhos que não abordam o *bullying* se mostram altos, sendo estes 27 resultados dentre 57 no total. *Bullying* em outras visões obtivemos o resultado de 13 trabalhos e 17 se tratavam do *bullying* na visão dos docentes.

Ao analisar os quatro primeiros gráficos de forma geral, podemos notar ao compará-los que o *bullying* na visão dos docentes no quesito quantitativo da pesquisa, se mostra em número baixo comparado ao total de trabalhos encontrados sobre a temática, apenas neste último gráfico, com o termo de busca: bullying professores, obtivemos um número um pouco mais alto no que se refere a quantidade de trabalhos encontrados na visão das e dos docentes, mesmo com uma quantidade maior encontrada nesta última busca, podemos ainda reafirmar nosso pensamento sobre a questão de que o fenômeno é pouco estudado com foco nas professoras e professores.

A partir do levantamento de dados quantitativos sobre os trabalhos, analisamos aqueles que realmente centralizavam as perspectivas docentes sobre o *bullying* e que contavam com relatos dos mesmos, uma vez que o foco do trabalho é a compreensão sobre a temática do fenômeno *bullying*.

Após toda as pesquisas realizadas, no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações BDTD e também no google acadêmico, foram escolhidos três trabalhos para análise. Optamos por aqueles que continham mais relatos dos professores e professoras, sobre o que compreendiam sobre a temática do *bullying*, assim como ações tomadas por elas e eles diante destes casos no espaço escolar.

Alguns trabalhos encontrados ao serem analisados, continham apenas tabelas e gráficos e alguns outros contavam apenas com curtos relatos. Buscamos centralizar a pesquisa para os trabalhos que trouxeram de forma mais ampla os relatos dos e das professoras.

Após realizar o levantamento de dados quantitativos dos trabalhos, no geral, haviam 36 trabalhos em que a questão da docência estava presente, mas nem todos continham relatos. Dentro destes 36 trabalhos, apenas 20 continham relatos de docentes sobre a temática *bullying* e ao realizar leituras de sobrevoos nos mesmos, chegamos na escolha de dois trabalhos, um terceiro (mais antigo) foi analisado e colhido no google acadêmico, uma vez que concluímos que se tratava de um ótimo trabalho para comparação e análise.

Os trabalhos escolhidos para análise foram:

- a. “O Bullying Como Violência Velada: A Percepção E Ação Dos Professores”. Samara Pereira Oliboni. Defendido em 2008. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio Grande, Mestrado em Educação Ambiental.
- b. “Bullying Na Escola: A Ponta Do Iceberg”. Marina De Oliveira Chiorlin. Defendido em 2016. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas.
- c. “Representações sociais de professores sobre o *bullying* e seu enfrentamento no contexto da prática docente”. Flavia Carvalho Malta de Mello. Defendido em 2018. Tese apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Ciências, Programa de Pós-Graduação Enfermagem em Saúde Pública.

O trabalho A foi pesquisado no google acadêmico³, e optamos por analisa-lo porque existem muitos relatos ricos sobre as professoras e professores, também por acreditarmos que seria possível comparar a evolução ou não neste espaço de tempo sobre a compreensão dos e das docentes sobre a temática. A pesquisa da Oliboni aconteceu no ano de 2008 e os outros dois, nos anos de 2016 e 2018.

O trabalho B que se trata da pesquisa da Chiorlin, foi buscado na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações BDTD, ao utilizarmos o termo de busca: “Bullying na escola”, ele foi escolhido dentre 40 resultados obtidos.

O trabalho C se trata da pesquisa da Mello que também foi buscado na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações BDTD, ao utilizarmos o termo de busca: Bullying professores, foi escolhido dentre 57 resultados obtidos.

Independente dos baixos dados sobre o *bullying* na perspectiva dos e das docentes, foi possível encontrar trabalhos potentes para análise das narrativas. Oliboni (2008), Chiorlin (2016) e Mello (2018), construíram suas pesquisas com bastante preocupação com o espaço para o olhar docente sobre o *bullying*. Antes de debatermos propriamente tais relatos, acreditamos ser importante conceituar *bullying*.

³ O google acadêmico não fez parte do nosso levantamento de teses e dissertações, o trabalho da Oliboni (2008), foi encontrado no levantamento de autores e autoras. Por sua qualidade, o escolhemos para análise.

2 BULLYING: DEBATE CONCEITUAL

Nos anos de 1970, na Suécia, foram realizadas as primeiras pesquisas sobre o “*bullying*”. Logo, o interesse pelo tema se propagou para outros países e outras regiões da Europa e Estados Unidos. Pesquisadores como Cleodelice Fante (2003), e a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência - ABRAPIA, dedicam-se a este tema no Brasil, que é recente e datam a década de 1990 (CARVALHO, 2011).

Pesquisadores ainda como Olweus (1991), Almeida (2007), Freire, Simão e Ferreira (2006), Pereira (2002), Ramírez (2001) e Valles (2007), são estudiosos que discutem o tema do *bullying* em diversos outros países como Noruega, Portugal, Espanha e Estados Unidos (FRANCISCO E LIBÓRIO, 2011).

O tema de *bullying* escolar teve como pioneiro, os estudos de Dan Olweus, que realizado na Noruega, tem servido de referência sobre o tema a vários estudiosos de diversas nacionalidades. O *bullying* escolar, nestes estudos são caracterizados como ataques repetidos de um aluno dominador sobre um outro estudante vitimizado (RISTUM, 2010).

Para Marília Pinto de Carvalho, pesquisadora do campo da educação da Universidade de São Paulo (2011), o “*bullying*” se inclui como parte das condutas de indisciplina escolar que compreende todos os atos que atingem o bom andamento da escola e das aulas, seja a caracterização do *bullying* com as práticas e agressão física e verbal entre colegas, professores ou outros educadores da escola ou ações contra o patrimônio escolar, que constantemente são intitulados de micro violências ou incivildades.

A autora acima citada, pesquisa questões de gênero, racismo, intolerância e fracasso escolar, para ela não podemos pensar o *bullying* no Brasil, sem entendermos que ele está interligado a fatores que promovem indisciplina, desinteresse e violência na escola, tais como: falta de estrutura adequada, motivação e formação docente, machismo e racismo, ausência de projetos e intervenções para uma boa integração e convivência entre estudantes.

Já para Marilena Ristum (2010), doutora em Educação e pesquisadora da Universidade Federal da Bahia, dedicada ao tema da violência escolar e as relações permeadas por intimidação em espaços escolares, o *bullying* segundo a autora, pode

ser conceituado como todo abuso de poder físico ou psicológico entre pares, em que envolva dominação, prepotência, por um lado, submissão, humilhação, conformismo, sentimento de impotência, raiva e medo, por outro. Tais condutas, geram ações de diversas formas como, pôr apelidos, humilhar, discriminar, bater, roubar, aterrorizar, excluir, divulgar comentários maldosos, excluir socialmente, entre outros.

Para Renata Maria Coimbra Libório, pesquisadora do campo da Educação da Universidade Estadual Paulista e Marcos Vinicius Francisco doutor pela mesma instituição (2009), o *bullying* acontece por meio da perseguição e intimidação de um aluno por um ou vários colegas, sendo de caráter repetitivo e intencional causando o sofrimento. A autora e o autor, a partir da leitura de vários estudos sobre o fenômeno, além de definir, apontam que sinônimos diversos são utilizados para referir ao tema como: maus tratos, vitimização, intimidação, agressividade e violência entre pares.

Nos últimos tempos, o fenômeno *bullying* ganhou proporções internacionais, sendo bastante estudado por exemplo no Brasil, mas uma das dificuldades dos e das pesquisadoras foi encontrar um termo adequado que garantisse o sentido ou significação para a ação em seu idioma. De origem inglesa, a palavra *bullying*, define o desejo consciente de maltratar, humilhar, inferiorizar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão (FANTE, 2005).

O termo, desse modo, costuma abarcar comportamentos agressivos e é utilizado pela literatura do campo da Psicologia nos estudos quanto à problemática da violência. Esses comportamentos são conceituados por outros países com termos diferentes e também além da área da Psicologia, por exemplo, no campo da Educação. Um exemplo de tradução do *bullying* é a palavra *mobbing*, utilizada na Noruega, Dinamarca, Suécia e na Finlândia. Os significados podem variar tendo assim, conotações diferentes (FANTE, 2005).

O *mobbing*, ou suas letras iniciais *mob*, tem raiz inglesa e se refere a um grupo grande e anônimo de pessoa que se dedica ao assédio. O termo *mobbing*, não é considerado adequado no ponto de vista linguístico, mas, é utilizado para caracterizar comportamentos em que ocorram ações de tormenta, desordem, agitação, hostilização ou quando molesta outra. O termo define também situações em que o indivíduo sozinho ou em grupo ridiculariza um outro (FANTE, 2005).

Na França, denominam *harcèlement quotidien*; na Itália, de *prepotenza* ou *bullismo*; no Japão, é conhecido como *yjime*; na Alemanha, como *agressionen unter shülern*; na Espanha, como *acoso y amenaza* entre escolares; em Portugal, como

maus-tratos entre pares, no Brasil, o termo utilizado é o *bullying*, adotado pela maior parte dos outros países. As iniciais *bully*, quanto nome, é traduzido como “valentão”, “tirano”, já como verbo significa “brutalizar”, “tiranizar”, “amedrontar” (FANTE, 2005).

Podemos nos perguntar, por que no Brasil, usamos uma palavra estrangeira para falar de um tipo de violência na escola? A resposta, conforme nos mostra Ristum (2010) é muito simples, são diversas as maneiras como o *bullying* pode ocorrer e infelizmente não encontramos, como em alguns países citados, uma palavra em nossa língua para mostrar mais fielmente esse sentido empregado nos países de língua inglesa.

O tema do *bullying* em nosso País, teve seu interesse de estudo mais recente, nas duas últimas décadas, e a partir de então, pesquisadoras e pesquisadores tem buscado sua compreensão para possibilitar ações que contribuam com o enfrentamento dos acontecimentos no país. Importantes estudiosas e estudiosos sobre o assunto no Brasil podem ser destacados como: Fante (2003,2005), Lopes Neto (2005), Mascarenhas (2006) e houve grande contribuição da Associação Brasileira de Proteção à Infância e à Adolescência - ABRAPIA que realizaram pesquisas e sistematizaram estratégias para interceder e minimizar tais acontecimentos nas escolas como o *bullying* e a indisciplina (FRANCISCO E LIBÓRIO, 2011).

Atualmente, uma categoria mais recente do fenômeno cresce de forma acelerada devido ao avanço tecnológico: o *cyberbullying*, que tem a internet como meio de propagação de conteúdo. Por meio de aparelhos celulares e computadores, imagens que causam conflitos ou até mesmo constrangimento são expostas sem autorização. Tais imagens por vezes são até mesmo editadas com os recursos da informática para futuramente serem divulgadas tendo como objetivo apenas a exposição de outros em situações ofensivas e vergonhosas.

Ristum (2010), ao estudar pesquisas de Campbell, afirma que o *cyberbullying* envolve o recurso da palavra escrita, sendo capaz de expandir seu raio de ação. Outro grande complicador é a dificuldade de exclusão desses conteúdos, sua total eliminação é quase impossível. Este fenômeno é considerado muito grave pois também não existe limites geográficos para a sua disseminação. Tal prática é muito grave, pois a exposição e o dano podem durar longo período, devido à dificuldade de apagarmos as imagens da web.

Com o passar do tempo, a partir da observação e maior conhecimento sobre as formas que poderiam ocorrer o *bullying*, foi detectado que, não apenas agressões físicas e verbais, que acontecem de forma direta eram as manifestações possíveis do fenômeno, mas sim, que existiam outras formas de agressão que também precisavam ser observadas de igual importância. Seriam estas, as formas indiretas da agressão. Tais formas indiretas não eram explícitas, mas praticadas por meio de comentários, fofoca, risadas, piadas, com frequência de caráter sexista, racista e homofóbico e de exclusão (RISTUM, 2010).

Existem características que podem ser destacadas na prática do *bullying*, no que se diz respeito a papéis que os alunos venham a representar. São estes, “Alvos ou vítimas”, que são os que sofrem *bullying*; os “Alvos /autores”, os que ora sofrem, ora praticam o *bullying*; os “Autores”, que só praticam *bullying*; e as “Testemunhas”, que são os que não sofrem e nem praticam o *bullying*, mas que presenciam o momento (RISTUM, 2010).

Os “alunos-alvos” podem ter duas distinções. Sendo possível serem estas vítimas passivas ou vítimas provocadoras. As vítimas passivas, normalmente não costumam reagir ou pedir ajuda a professores ou demais, no geral, fogem, tem medo ou choram (especialmente os mais novos). Tais comportamentos só sustentam cada vez mais o mal comportamento dos agressores que novamente praticam o *bullying* como os mesmos alvos (RISTUM, 2010).

O *Bullying* escolar gera nas “vítimas-passivas” problemas de convívio e isolamento, acarretando certo obstáculo ao tentar estabelecer um bom relacionamento com os colegas. No geral, estes alunos são tímidos e mais fechados. Em controvérsia, os alunos que são as “vítimas-provocadoras”, carregam características de irritabilidade, agitação e demonstram certa agressividade, por vezes reagem tendo dificuldades no controle de suas emoções (RISTUM, 2010).

Ao falar dos papéis dos “alvos-autores”, a autora acima citada, define que essa agressão é realizada por autores mais poderosos, que estão sempre à procura de alvos mais vulneráveis e frágeis ou com menos poder.

Ao distinguir as vítimas passíveis e os autores do *bullying*, Ristum (2010), situa que normalmente os autores demonstram sempre muito autoconfiança, nada temem, não aceitam ser contestados, no geral são populares, e dificilmente são socialmente isolados, enfatizando neste ponto que existem sempre aqueles que os apoiam.

Ao classificar as duas formas que podem existir de “testemunhas”, a autora ainda destaca que mesmo não existindo por essas pessoas o envolvimento direto com o *bullying*, acabam por desempenhar um papel importante neste fenômeno. As “testemunhas” poderão ser passivas ou ativas. As passivas se calam e podem até se tornar vítimas, por medo ou por vezes acreditar que tal ato não lhe diz respeito. As ativas podem ser de duas formas, elas aplaudem e apoiam os agressores, reforçando o *bullying*, ou tentam ajudar e dar apoio as vítimas, buscando ajuda até do intermédio dos professores ou professoras, que assim podem tomar alguma atitude. É no intermédio das testemunhas que, portanto, muitos casos de *bullying* são desvelados e chegam a conhecimento dos professores, professoras, mães, pais e responsáveis.

Todos os papéis desse fenômeno que é o *bullying* são significativos na formação de tal cenário. Tratando-se de um “fenômeno relacional”, não é possível obter sua compreensão estudando a caracterização destes papéis isoladamente (RISTUM, 2010).

Ao pensar sobre a dinâmica dos papéis nos episódios do *bullying*, a autora evidencia que se tratando de um “fenômeno relacional”, existe a inter-relação de que, não há autor sem alvo e nem alvo sem autor, assim como não há testemunhas se não houver protagonistas, dependendo também estes protagonistas das testemunhas, seja para repreender ou apoiar seus atos. A autora distingue ainda a dinâmica em que esses papéis perpassam, dando exemplo de que, em um episódio um aluno pode ser alvo e em outro ser autor, as testemunhas podem ser futuros alvos ou até mesmo futuros autores. Portanto, conclui-se que dar atenção a esses papéis de forma isolada pode-se chegar a uma compreensão equivocada do *bullying*.

Autores e vítimas de *bullying* necessitam de assistência pois ambos enfrentam situações emocionais profundas. As vítimas têm sua autoestima reduzida e os agressores ou autores desta ação passam por problemas no que se refere a sua escala de valores, propiciando a dificuldades no desenvolvimento afetivo e moral (FRANCISCO E LIBÓRIO, 2011).

Fante (2005), destaca, também, quanto aos graves sentimentos de inferioridade gerado nas vítimas, que passam a acreditar que não tem valor, e assim, merecem os ataques sofridos. É comum que as vítimas acabem se isolando após tantos maus tratos como as gozações e ataques abertos. Alunos e alunas que não são alvos dos agressores, segundo pesquisas abordadas pela autora citada, também sentem medo de serem vistos com as vítimas, podendo gerar desaprovação dos

agressores e se tornarem futuras vítimas, por esse motivo, não se aproximam dos alvos escolhidos pelos agressores tornando de fato o isolamento da vítima consumado.

Assim, podemos entender que o *bullying* pode inclusive reforçar de forma preocupante o racismo e a homofobia, por exemplo, em uma sala de aula, alunas e alunos com medo de serem atacados, se afastam dos “diferentes” e aprendem a ver a diferença como profundamente negativa, a convivência com a diversidade aparece como algo impensável.

A autora traz alguns depoimentos com base em suas pesquisas de alunas e alunos que afirmam estas questões do *bullying* sofrido por elas e eles quanto ao racismo seja pela cor da pele ou características físicas como o cabelo.

Caso:9 – Ana se lembra, ainda emocionada, da época em que foi vitimizada na escola. Os coleguinhas diariamente caçoavam da sua cor, já que era a única menina negra da classe. Chamavam-na de vários apelidos pejorativos e discriminatórios, excluindo-a das brincadeiras, o que a tornava cada dia mais infeliz. Com tristeza nos olhos, relembra que certo dia, pela manhã, tomou a decisão de entrar numa bacia com água e sabão e esfregar-se com muita força, desejando que a “sujeira” saísse de sua pele, conforme dela caçoavam os seus colegas (FANTE, 2005, p. 34).

Caso:4 – Humberto, 16 anos, sentiu na pele o que é o terror na escola. Foi apelidado de Bob Esponja e Bombril por causa dos seus cabelos crespos e do seu jeito calado e tímido. Aos poucos foi se sentindo rejeitado e isolou-se da turma. Disse que, quanto mais os colegas caçoavam dele, mais se isolava e sofria. Expressou sua angústia dizendo que gostaria de desaparecer e nunca mais ouvir falar em escola (FANTE, 2005, p. 32).

O primeiro e o segundo depoimento respectivamente, reafirmam a fala da autora quanto ao sentimento sofrido pelas vítimas do *bullying*. Podemos notar pelos relatos que, sentir-se inferiorizados ou inferiorizadas, isolar-se dos demais e até mesmo questionar-se de sua aparência “acreditando que algo é ruim”, foram experiências desencadeadas após ações de *bullying*. No segundo relato, o aluno conta que depois de sofrer tanto com os apelidos, chegou a querer não ouvir falar em escola, o que podemos concluir é que em vários casos como estes, ataques repetitivos sofridos pelas alunas e alunos na escola, podem gerar diversos problemas, reforçar preconceitos e estabelecer até mesmo certa repulsa a escola, que na cabeça da vítima, deixa de ser local democrático, de conhecimento, de afetividade e solidariedade, mas sim um local que não querem estar, local de medo e sofrimento, que não deveria acontecer.

Ainda sobre os papéis de ações do *bullying*, Fante (2005), também fala sobre o tipo bode expiatório, como o alvo do agressor para ações do *bullying*. Para ela, algumas características da personalidade dos alunos e alunas acabam também sendo alvos, no geral são: apresentar ansiedade, insegurança, passividade, timidez, dificuldade de impor-se e mostrar-se fisicamente indefeso. Os que apresentam estas características, facilmente se tornará o ponto frágil para possíveis ataques.

Mas para a autora, é realmente comum que o alvo de ações do *bullying*, seja escolhido considerando além dos aspectos comportamentais visíveis como a ansiedade e ausência de defesa, outras características como traços físicos, sua aparência no geral, forma de se vestir ou em seus trejeitos são particularidades observadas pelo agressor para atacar a vítima.

Depoimentos coletados na pesquisa da própria autora demonstra ações de *bullying* sofrido pelas alunas e alunos, afirmando tais ações seja por aspectos comportamentais ou aparência como citado anteriormente.

Caso 2 – Fernando, aluno da 3ª série, nove anos, sentia-se sozinho e abandonado. Sem amigos, não buscava ajuda de seus professores porque se sentia rejeitado por todos em decorrência de sua obesidade. Chegava a duvidar de que seus poucos amigos gostassem dele, ou de que tivessem algum interesse na sua amizade. Sentindo-se incapaz e ameaçado, buscou ajuda da direção escolar, pedindo que falassem com seus agressores sobre os apelidos que recebia, pois não aguentava mais ser chamado de Gordo (FANTE, 2005, p. 32).

Caso 6 – A aluna Janaína, entrevistada quando cursava a 3ª série, disse pensar que a escola fosse um lugar de respeito e união, mas viu que não era. Logo no primeiro dia de aula, os meninos a apelidaram de Vaca Malhada e Onça Pintada por causa de suas sardas, o que a deixou muito triste e chateada. O constrangimento durou o ano todo, como também na 2ª série, já que os alunos eram praticamente os mesmos. Ela contou que queria responder aos ataques com o pior dos palavrões, mas que engolia essa vontade e acabava suportando as humilhações, até que o ano terminou. Mas, claro, acabava um ano e começava um outro e tudo se repetia. E assim se repetiu também na 3ª série. Ela esperava que na 4ª série o assunto fosse encerrado, mas não foi isso que aconteceu (FANTE, 2005, p. 33).

Caso 5 – A aluna Márcia, 14 anos, disse que a sua vida na escola nunca fora boa porque sempre fora humilhada, desde a 1ª série. “Todos têm problemas, sou uma delas. Zoam de mim porque não falo direito. Eles não sabem o mal que me fazem.” Márcia pensou várias vezes em abandonar a escola. No início do ano letivo apresentou problemas psicossomáticos graves, entrando em quadro depressivo. Após uma consulta, o médico atestou que deveria mudar de período, porque os problemas enfrentados em sala de aula estavam agravando sua saúde. Lamentavelmente ela não resistiu às humilhações e acabou por abandonar a escola (FANTE, 2005, p. 33).

Os depoimentos citados acima, reforçam os problemas enfrentados pelas alunas e alunos frente a ações de *bullying* sofridas por eles e elas. Seja qual fosse a causa das ações, aparência física como o peso, sardas, ou pela dificuldade na fala como citado, é possível observar comparando os três relatos, a dificuldade em acabar com o *bullying* que vivenciavam.

No primeiro caso, o aluno chega a pedir ajuda à direção escolar não aguentando mais a situação. No segundo caso, fica claro o desapontamento quanto a vivências escolares que a menina esperava ter e as que realmente vivia, porque sofria com apelidos devido a suas sardas, e mesmo com o decorrer dos anos letivos, as ações de *bullying* não pararam, o que demonstra que nada foi feito pela direção escolar e todos os envolvidos da Instituição, o que é lamentável. Já no terceiro caso, a aluna relata ter dificuldade na fala, e passa a ser humilhada por isso, essa aluna, tenta levar a situação, mas chega a um quadro depressivo e acaba por abandonar a escola.

Pode-se notar que os alunos e alunas, devido a diversos problemas que persistem como o *bullying* sofrido por eles e elas, sem amparo dos professores e professoras e da instituição como um todo, acabam por ficar desmotivadas(os), tornando a evasão escolar um dos fatores de maior incidência. Pesquisas realizadas por Francisco e Libório (2011), destacam que com uma leitura atenta as questões de gênero, podemos entender que nas dinâmicas entre autor e vítima, meninos costumam ser agredidos somente por meninos, já as meninas são agredidas tanto por meninos como por meninas como aponta também Gomes (2007). Os estudos lidos e presentes no artigo do autor e autora acima citados, relatam que as meninas geralmente expressam formas de violência mais sutis, os meninos no geral assumem posições mais violentas que, normalmente, são naturalizadas, toleradas pela sociedade.

Ristum (2010), apresenta dados semelhantes a Francisco e Libório (2011), em seu texto alunos meninos se envolvem em mais ações de *bullying* que as meninas. A autora reforça que os meninos têm maior frequência nas ações de *bullying* direto, já as meninas praticam mais o indireto. Se as meninas praticam o *bullying* direto, elas tendem a utilizar a forma verbal, a física bem menos. O estudo de gênero, mostra que essa realidade é fruto da própria construção social do gênero, no que se refere aos papéis do homem e da mulher quanto à violência. Desde o nascimento as crianças

são educadas de modo diferenciado, e isso se reflete na relação com a violência, com o *bullying* (RISTUM, 2010).

No que se refere a frequência do *bullying* escolar, Francisco e Libório (2011), destacam que tais ocorrências podem variar, podendo acontecer uma vez por semana, várias vezes por semana ou até de três a seis vezes por ano. De acordo com Pereira (2002), Pizzaro e Jiménez (2007), para que se caracterize como vítima, é preciso que o mesmo tenha sofrido de três a seis ataques em um mesmo período do ano e que sejam estas ações de caráter intencional e repetitivo.

A maior parte dos ataques de *bullying* segundo Fante (2005), acontecem no interior da escola, mas é preciso distinguir maus-tratos ocasionais e não graves dos maus-tratos habituais e graves para caracterizar o *bullying* ou não. A autora destaca que o *bullying* apresenta determinadas características comuns, que são:

[...] comportamentos produzidos de forma repetitiva num período prolongado de tempo contra uma mesma vítima; apresentam uma relação de desequilíbrio de poder, o que dificulta a defesa da vítima; ocorrem sem motivações evidentes; são comportamentos deliberados e danosos (FANTE, 2005, p.49).

Nesse sentido, a pesquisadora nos explica que o *bullying* tem conceito bem definido e não se deixa confundir com outras formas de violência. A violência pode acontecer de formas variadas, contextualizadas por exemplo nos crimes de racismo, de machismo, de homofobia, de preconceito regional entre outros, assim, não podemos dizer que *bullying* se confunda com a violência racista, com o feminicídio e agressão contra mulher, com as práticas xenofóbicas entre outros, mesmo que a essas violências ele possa se articular.

De acordo com Fante (2005), o fenômeno tem características próprias como a propriedade de causar traumas ao psiquismo das vítimas, e ressalta que ações de *bullying* poderão ocorrer em qualquer local que existam relações interpessoais, exemplos diversos de locais são: escolas, famílias, em condomínios residências, clubes, locais de trabalho, asilos de idosos, nas Forças Armadas e prisões, o que desmistifica o pensamento de que tal fenômeno ocorra apenas na esfera educacional, ou seja, apenas dentro das escolas.

Segundo dados da Abrapia (2000), e vários outros estudiosos e estudiosas, tais como a Ristum (2010), o *bullying* acontece tanto em redes públicas quanto privadas,

que estão presentes em todas as escolas de todo o mundo e em todos os níveis de ensino.

Poderíamos nos perguntar, “mas dentro da escola, quais são os lugares mais comuns em que o *bullying* acontece?”, Ortega (1994), Abrapia (2000) e Fante (2005), nos respondem que o *bullying* escolar tem maior incidência: no pátio de recreio, sala de aula e nos corredores. Francisco e Libório (2011), citam que o momento do recreio é apontado como local mais escolhido pelos agressores e depois a sala de aula, estes locais são mais escolhidos porque no recreio nem sempre estas ações são visualizadas, ocorrendo de forma camuflada, já nas salas de aula, tais ações, por diversas vezes são naturalizadas pelos docentes que podem considerar “brincadeira” “coisa de criança”, sem dar maior atenção.

Dessa forma, é comum que nem sempre os professores ou outros profissionais da escola estejam presentes nos momentos em que ocorrem ataques a vítima, tendo as crianças e adolescentes mesmos que lidar com a resolução dos conflitos vividos. É muito comum que assim, que os alvos não contem nada as mães, pais e corpo docente, o estudante ou a estudante pode ser mal tratada também por outras crianças ou jovens, além de que o agressor ou agressora comum, naquele ambiente passam a acreditar ser o alvo, o elo mais frágil e que não terá forças para revidar (FANTE, 2005).

Francisco e Libório (2011), de acordo com Martins (2005), reconhecem que os alunos e alunas que sofrem *bullying* no ambiente escolar, esperam poder ter o auxílio das e dos professores para a resolução do seu problema. De acordo com as pesquisas, abordadas pelas autoras e autores aqui trabalhados, as e os discentes acreditam que as e os professores estejam preocupados com a problemática que é o *bullying*, porém, é relatado que a maioria não se encontra preparada ou, por vezes, não sabem como impedir tais atos.

Ao analisar as características do *bullying*, é de extrema importância que se investigue suas particularidades. A cultura, por exemplo, deve ser considerada, por variar de acordo com o local, não é possível realizar uma comparação quanto a aspectos e elementos comuns do *bullying* entre os países. Embora, alguns elementos possam ser apontados como semelhantes nestas ações, a contextualização nas realidades locais precisam ser melhor avaliadas (RISTUM, 2010).

Embora se trate de um fenômeno que pode tomar grandes proporções para os envolvidos, ações de *bullying* têm sido ignoradas socialmente. De acordo com

pesquisadores como Freire (2006), Lopes Neto (2005), Mascarenhas (2006), Pizzaro e Jiménez (2007), diversas pessoas acreditam que o *bullying* é impossível de se evitar. Alguns acreditam, até mesmo, que o fenômeno faça parte naturalmente da iniciação da vida adulta. Com estes pensamentos, o devido valor ao fato não é dado e negando estas ações ou naturalizando-as, sendo estas ações marcantes nas relações sociais, principalmente na esfera escolar, acentuam estes casos e consequentemente se agravam podendo gerar implicações em médio e em longo prazo (FRANCISCO E LIBÓRIO, 2011).

O fenômeno *bullying*, não pode ser considerado novo, apesar de ter sido mais investigado nas últimas décadas, a ação do fenômeno é bastante antiga, se tratando de uma violência que sempre existiu nas escolas.

Uma das maiores pesquisadoras do tema no nosso país se recorda em um livro que teve participação: “Bullying em debate” que presenciou tais ações em sua época escolar, mas que só depois passou a entender o significado do termo *bullying*, percebendo sua gravidade. A autora relata que isso não se deve pelo fato de que tenha sido vítima ou autora de agressões na escola, mas que se identificou prontamente como espectadora, passiva ou omissa, ela diz não saber até hoje. Ela relata que, no entanto, recorda sentir muito medo de valentões que eram em grande maioria meninos. Ela destaca que apesar de tudo, só passou a refletir mais sobre isso, quando entrou em contato com um livro, a pesquisadora Cléo Fante (2018, s/p) detalha este momento o descrevendo:

[...] Era o ano de 2000 e, enquanto esperava um voo para o Brasil, me vi diante de um livro que me chamou a atenção, não somente pela cor amarela da capa, mas, sobretudo, pela ilustração: duas crianças se atracando na presença de outras crianças e adultos, porém, ninguém dava importância. Seu título? Conductas de acoso y amenaza entre escolares, do autor Dan Olweus.

Fante (2018), enfatiza que foi a partir do referencial teórico de Dan Olweus e de outros estudiosos que passou a compreender melhor o que já conhecia na prática, mas agora era diferente porque entendia que esse tipo de violência tinha nome: *bullying*.

Após o ocorrido, a autora passou a se dedicar ao tema do *bullying*, realizou duas pesquisas, publicando dois livros: Fenômeno bullying: estratégias de intervenção e prevenção da violência e outro livro que teve participação junto a diversos autores e

autoras: Bullying em debate. O tema logo teve grande abrangência e está cada vez mais presente nas instituições acadêmicas.

Assim, com o próprio relato da pesquisadora, podemos compreender como a nomeação de um fenômeno e o estudo dele, modifica nosso olhar, é a partir do uso da palavra e do entendimento dela, no campo da Educação, que nas últimas décadas temos a impressão ser novo, e inclusive estar crescendo, um problema que na realidade é bastante antigo.

Fenômeno que evidencia a “desigualdade entre iguais”, tem os “valentões” como autores dessas ações, gerando opressão e ameaças a suas vítimas por diversas razões, desde a intolerância com a diferença até motivos banais. É evidente que, até os dias atuais, o *bullying* ocorre muitas vezes de forma despercebida da maioria dos profissionais da educação e as vítimas destas ações, continuam sendo oprimidas e ameaçadas de forma velada dentro das instituições, e por vezes o fenômeno é naturalizado o que não pode ocorrer, merecendo olhares mais atentos a problemática (FANTE, 2005).

O *bullying* se trata de um fenômeno bastante antigo, podendo ser comparado ao início das primeiras instituições de ensino. Apesar de docentes já terem conhecimento sobre a problemática do *bullying*, pouco se fez a respeito. É apenas partir dos anos de 1970 que na Suécia, surge um amplo interesse sobre o tema, e a partir de então, se expande como preocupação para toda a sociedade e em seguida para todos os outros países escandinavos (FANTE, 2005).

A autora acima citada enfatiza que segundo pesquisas e dados estatísticos é possível afirmar que o *bullying* está presente em todas as escolas do mundo. A autora aponta que no Brasil o fenômeno ainda é pouco estudado e no que refere a tratamento desse comportamento, estamos atrasados em relação a Europa por exemplo, em média de 15 anos.

Ao pensarmos sobre a escola, Carvalho (2011), retoma sobre a indisciplina e a violência que tanto acontece nas escolas, que por diversas vezes, ocorre certo equívoco sobre tais conceitos, que provavelmente isto ocorra porque, em muitos casos é realmente difícil desassociar alguns acontecimentos como um ato ou outro. É certo que, podem ocorrer casos que ações de indisciplina seguem para um ato violento, um exemplo é uma briga que se inicia em sala de aula com discussões terminar em uma briga envolvendo armas.

Porém, a autora distingue os atos de violência, que são: práticas que ferem o Código Penal como: o uso de porte de armas, uso de drogas entre outros. Os atos de indisciplina são caracterizados como: ações que se referem apenas a esfera escolar, atos que ferem o regime escolar, acordos, bom funcionamento ou regras de boa convivência e civilidade. É destacado que ações dos próprios professores professoras também são importantes e sua conduta tem papel essencial para um bom direcionamento de suas aulas, comprometendo-se sempre com a ética e o respeito ao portar-se com as e os alunos.

No Brasil, há atualmente uma grande preocupação sobre a indisciplina escolar, com as condutas que colocam contra as regras que a escola impõe quanto formas de comportamento, a indisciplina está presente na maioria dos casos, é a burla das regras estabelecidas. Sociólogos como o francês Emile Durkheim teve a indisciplina como objeto de estudo por meados do século XIX para o XX (CARVALHO, 2011).

O pensamento equivocado quanto ao aumento da indisciplina estar atrelado ao fato da ampliação das oportunidades de acesso à escola deve ser deixado. Em outras palavras, nós não devemos pensar que o *bullying* passou a existir quando a democratização da educação aconteceu no nosso país. Segundo Carvalho (2011), esse pensamento se faz a partir de julgamentos morais e preconceituosos a respeito dos familiares das e dos estudantes, que alunos de camadas populares carregariam de casa o mal comportamento.

Para Carvalho (2011), é evidente que muitos alunos e alunas de camadas populares acabam por ter acesso a escolas de péssima qualidade e são prejudicados pois, os espaços são construídos, mas não recebem o suporte adequado. Os recursos são insuficientes e os alunos e alunas não podem contar com uma boa estrutura em que possam usufruir por exemplo de bibliotecas, laboratórios e salas de informática, se referindo aos professores e professoras, que mal pagos se tornam desestimulados ou desestimuladas e nem sempre desempenham tão bem o seu papel de educador ou educadora. O ensino dessa forma, por este conjunto de problemas passa a se tornar uma educação que não é atraente tão pouco motivadora.

Com base em dados internacionais realizados pela UNESCO (1998), Carvalho (2011), cita a qualidade de ensino e relata que as e os professores se sentem desprovidos perante as novas exigências dos e das jovens, principalmente no que diz respeito ao que extrapola, está além dos conteúdos de suas disciplinas. São estas questões da socialização, ao comportamento e a vida dos e das estudantes para além

da escola. O mundo cobra dos e das jovens, fortemente, a ascensão social, que melhorem de vida, que vençam na vida, que ganhem dinheiro quando adultos e adultas, porém oferece poucas alternativas e meios para tal realização, seja no campo pessoal ou profissional. Fica claro que o ensino é de fundamental importância e a qualidade desse ensino é que deve passar por melhorias, o suporte de aspectos materiais quanto um corpo docente estável e satisfeito que seja reconhecido, valorizado e bem remunerado, que disponha de tempo para reuniões e dedique-se a uma única escola é de extrema importância.

Propostas pedagógicas devem ser pensadas, assim como projetos e atividades indisciplinares. Em suas pesquisas, Carvalho (2011), ressalta que ouvir os alunos e alunas e ajudá-los a resolver seus conflitos é essencial. Para além das queixas impostas sobre a família e a violência social, é preciso repensar quanto as relações que se firmam nas escolas e ao ensino que se concede aos e às estudantes. Um bom trabalho pedagógico pode beneficiar tanto as professoras e professores quanto às e os discentes. A indisciplina, frequentemente, pode ser colocada como recados por parte dos alunos e alunas que podem não achar sentido na vida escolar e com estes atos procuram ter mais respeito a suas ideias, eles e elas precisam de regras mais claras e justas, ensino de qualidade e que sejam consideradas as suas capacidades e vivências para além da escola.

Marcado por desigualdades e hierarquias sociais, o enfrentamento de regras escolares marca a trajetória de muitos alunos e alunas e a indisciplina por vezes pode ocasionar ao fracasso escolar, transgressão e em seu limite até em violência social (CARVALHO, 2011).

Em diversos casos de indisciplina escolar, foi possível notar, segundo Carvalho (2011), que os autores nesta situação, em sua maioria, são meninos e rapazes. Ou seja, é um dado semelhante ao que já trouxemos sobre os estudos de Francisco e Libório (2009), e de Ristum (2010). Observações quanto ao gênero, no caso das relações de envolvimento com atos de indisciplina devem ser considerados pois, a busca por firmar sua virilidade, com uso da força física, com a agressão e violência são formas que muitos encontram para ter poder e autonomia e a escola deve buscar meios para discutir sobre o tema. A negação da escola frente a essas questões de gênero pode desencadear a continuidade nessa trajetória de indisciplina e de violência. Os resultados são ruins para os agressores e para as meninas e meninos

alvos de violência, o ambiente escolar se torna inseguro, incapaz de promover o bem-estar e a educação de todas e todos.

Os meios de comunicação por vezes transmitem tragédias que ocorrem nas escolas de forma sensacionalista e a sociedade, ou a comunidade escolar se sente insegura, porém os reais motivos não são pesquisados a fundo. Este é um grande erro que acontece com frequência, mas não é apenas a estes momentos que devemos nos atentar. Compreendendo que as más relações estão presentes no cotidiano escolar, é necessário que ações sejam pensadas antes de fatos trágicos acontecerem, que medidas sejam tomadas e que formas de prevenção para minimizar tais acontecimentos sejam realizados (FANTE, 2005).

Com frequência, ações adotadas para promover soluções quanto ao tema são estratégias com uso de detector de metais, coibindo a entrada de armas e drogas por exemplo, mas a pesquisadora Fante (2005), ressalta que estas soluções são apenas paliativas, que o problema não se remete apenas para aquilo que os alunos e alunas carregam em suas mochilas, mas podem ser coisas que trazem no coração. Portanto medidas apenas com detectores de metais, câmeras de vídeo e os variados tipos de aparatos de segurança não são medidas suficientes para evitar tal problema (FANTE, 2005).

Em locais que acontecem situações de *bullying*, geralmente as relações se encontram comprometidas, os alunos e alunas passam a ter um convívio em que é comum perceber tratamentos mais grosseiros propícios para gerar atos violentos maiores. O agressor, geralmente menino, tem a necessidade do uso da força ou do poder, ele externaliza seus sentimentos em forma de ameaças ao outro, buscando a dominação. No geral, os alvos são sempre os mais frágeis, pois o agressor acredita que pode dominá-lo, ele tem sempre o sentimento de força e confiança em seus atos (FANTE, 2005). Notamos assim que o *bullying* tem uma relação muito grande com as questões de gênero, na forma como muitos meninos têm sido educados.

Para finalizar o capítulo, falar de *bullying* também é questionar a formação docente. Gisi, Valter e Vaz (2012), em suas pesquisas ressaltam que existe ainda uma lacuna na formação profissional nos cursos de licenciatura para lidar com ações do *bullying*, pois existe uma grande diversidade de situações para os professores e professoras lidarem no ambiente escolar, e que não estão preparados. Segundo as pesquisadoras, a escola na atualidade tem perfil diferenciado e é necessário que se

pense mais nos currículos que existem de licenciatura, para possibilitar uma formação mais abrangente na esfera educacional.

Segundo as pesquisadoras acima citadas, programas de intervenção e prevenção devem ser realizados, e os professores e professoras precisam estar preparados. Questiona-se sobre a valorização do profissional, que formação inicial, continuada e qual a condição de trabalho está presente na realidade das instituições.

Ainda segundo as pesquisadoras, um ponto essencial na prevenção do *bullying* nas escolas é o combate ao preconceito e a discriminação, que está presente de forma explícita. Ainda segundo levantamentos, manifestações percebidas são: ofensas devido a cor, raça, orientação sexual ou até mesmo condição socioeconômica.

3 BULLYING NA VISÃO DOCENTE: CONCEPÇÕES E AÇÕES

Abrimos nosso capítulo de análise sobre o que pensam e como agem os e as docentes em casos de *bullying*, contextualizando a responsabilidade que as instituições de ensino têm com o tema. Foram escolhidas três pesquisas para acessarmos as narrativas das e dos professores, evidenciando sobre o que pensam e como agem em casos de *bullying*.

Após a leitura de algumas autoras e autores, pesquisas e reflexão realizada no capítulo anterior, podemos perceber que o fenômeno *bullying* pode até ocorrer em vários locais, mas o principal ainda é a instituição de ensino. A escola se tratando do local em que crianças e jovens tendem a passar mais tempo dos seus dias, nos obriga a pensá-lo como algo realmente grave e sério a ser enfrentado. Para uma prevenção eficaz quanto a ações do *bullying* é necessário que, primeiramente, os professores e professoras tenham conhecimento sobre tal fenômeno, e a partir disso, possam identificar o problema e buscar solucioná-lo, evitando tantos problemas possíveis como até mesmo a evasão escolar.

Do ponto de vista da lei, percebemos que o *bullying* desrespeita algumas garantias legais e documentos educacionais no nosso país.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação ou LDB 9.394, de 1996, é a legislação que define e regulamenta o sistema educacional brasileiro, ela nos ampara quanto a princípios e fins da Educação Nacional. Sobre alguns desses, constam nos artigos:

Art.2º. A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Pelo trecho citado, já podemos entender que a educação não é dever somente da família, mas também do Estado, que tem por dever prezar pelo desenvolvimento total dos alunos e alunas. Além disso, a educação deve estar inspirada nos ideais de solidariedade humana, algo que não é possível com o *bullying*. Outro artigo também afirma:

Art. 3º. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I – Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II – liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância; V - coexistência de instituições

públicas e privadas de ensino; VI - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais; VII - valorização do profissional da educação escolar; VIII - gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino; IX - garantia de padrão de qualidade; X - valorização da experiência extra-escolar; XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais. XII - consideração com a diversidade étnico-racial; XIII - garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida.

Notamos que devemos ser amparados pela lei em todos estes quesitos, sendo pela igualdade de direitos e acesso à permanência, que é essencial, uma vez que alunos e alunas podem evadir das instituições devido a diversos fatores em que não são favorecidos dentro das escolas. Podemos citar ações do *bullying*, por exemplo, se alunas e alunos não se sentem amparados frente a uma questão, eles logo acabam por desistir dos estudos.

Associando todas estas leis que constam na LDB, ao refletir sobre a temática do *bullying*, podemos destacar vários direitos em que estamos amparados. O respeito à liberdade e apreço à tolerância, por exemplo, e consideração com a diversidade étnico-racial, são alguns fatores, entre outros, que englobam questões ou fatores que quando não são respeitados, tornam-se grandes potencializadores para o aumento de ações do fenômeno *bullying*.

Um grande ganho que tivemos no ano de 2018, foi a inclusão do *bullying* na LDB que foi reformulada, pela lei anti-bullying, lei nº 13.663, de 14 de maio:

Altera o art. 12 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir a promoção de medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência e a promoção da cultura de paz entre as incumbências dos estabelecimentos de ensino.

Em que passa a vigorar no Art. 1º O caput do art. 12 da lei 9.394, dois incisos IX e X:

IX - promover medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência, especialmente a intimidação sistemática (*bullying*), no âmbito das escolas; X - estabelecer ações destinadas a promover a cultura de paz nas escolas. (NR)

Existe ainda outro amparo, a instituição do Programa de Combate a Intimidação sistemática (*bullying*), presente na lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015, que no Art. 1º Institui o programa em todo o território nacional:

No § 1º No contexto e para os fins desta Lei, considera-se intimidação sistemática (*bullying*) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou

grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.

§ 2º O Programa instituído no caput poderá fundamentar as ações do Ministério da Educação e das Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, bem como de outros órgãos, aos quais a matéria diz respeito.

Dentro desse programa o *bullying* é definido quando há violência física ou psicológica por meio de intimidação, humilhação e/ou discriminação. Dentro disso está incluso as expressões preconceituosas.

No que diz respeito aos objetivos do Programa, no artigo 4º:

- I - prevenir e combater a prática da intimidação sistemática (*bullying*) em toda a sociedade;
- II - capacitar docentes e equipes pedagógicas para a implementação das ações de discussão, prevenção, orientação e solução do problema;
- III - implementar e disseminar campanhas de educação, conscientização e informação;
- IV - instituir práticas de conduta e orientação de pais, familiares e responsáveis diante da identificação de vítimas e agressores;
- V - dar assistência psicológica, social e jurídica às vítimas e aos agressores;
- VI - integrar os meios de comunicação de massa com as escolas e a sociedade, como forma de identificação e conscientização do problema e forma de preveni-lo e combatê-lo;
- VII - promover a cidadania, a capacidade empática e o respeito a terceiros, nos marcos de uma cultura de paz e tolerância mútua;
- VIII - evitar, tanto quanto possível, a punição dos agressores, privilegiando mecanismos e instrumentos alternativos que promovam a efetiva responsabilização e a mudança de comportamento hostil;
- IX - promover medidas de conscientização, prevenção e combate a todos os tipos de violência, com ênfase nas práticas recorrentes de intimidação sistemática (*bullying*), ou constrangimento físico e psicológico, cometidas por alunos, professores e outros profissionais integrantes de escola e de comunidade escolar.

A nossa pesquisa está, assim, na mesma linha do que o Programa estabelece que seja realizado para o combate ao *bullying*, pois com a nossa análise e discussão sobre as visões docentes a respeito do *bullying* contribuímos com dados e reflexões do tema, bem como com a melhoria da própria formação docente de quem constrói a pesquisa e o TCC.

Para terminar, o artigo 5º deixa claro que:

Art. 5º É dever do estabelecimento de ensino, dos clubes e das agremiações recreativas assegurar medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate à violência e à intimidação sistemática (**bullying**).

Com o conhecimento destas leis, especialmente a citada acima, podemos concluir que não é opcional o enfrentamento do *bullying* nas escolas em nosso país, é um dever em lei que deve ser colocado em prática.

O capítulo aqui apresentado vai tentar contribuir diretamente com esse enfrentamento, mostrando o que pensam e como agem os e as professoras. É por meio de uma reflexão sobre a atuação docente que acreditamos ser possível enfrentar o *bullying*, afinal, os e as professoras são profissionais com enorme capacidade de transformação social.

Como descrito no capítulo um, optamos pela escolha de três trabalhos para análise dos relatos das professoras e professores sobre o que consideram ser o *bullying* na escola e também compreender quais foram as ações tomadas por eles e elas diante de casos de *bullying* no espaço escolar.

A primeira pesquisa escolhida por nós é da autora Samara Pereira Oliboni, defendida no ano de 2018, com o título: “O Bullying como violência velada: A percepção e ação dos professores”, Dissertação apresentada ao curso de mestrado em Educação Ambiental, do programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Fundação Universidade Federal do Rio Grande - FURG. A pesquisa teve como objetivo conhecer a percepção e atuação dos professores frente aos casos de *bullying* em suas atividades de aula, uma vez que este é o ambiente, local de maior incidência do fenômeno segundo diversos estudos. A pesquisa foi de caráter qualitativo. O estudo foi desenvolvido com uma turma de 6ª série do Ensino Fundamental de uma escola pública, no Estado de Santa Catarina, em 2007. Participaram da pesquisa 8 professores. A pesquisa se deu por meio de observação que tiveram como foco as interações entre professor(a) e alunos(as) a partir dos encaminhamentos adotados pelos e pelas docentes diante do *bullying* e por entrevista semiestruturada individuais aos professores e professoras. Após a análise dos dados, os resultados apresentados pela autora demonstraram que apesar de o projeto político pedagógico se embasar em uma proposta progressista, no que se refere à percepção das professoras e professores quanto à prática do *bullying*, poucos foram os que perceberam ações do fenômeno identificando as e os alunos envolvidos. As e os educadores não conseguiram com facilidade reconhecer como violência o *bullying*, muitos se mostraram inseguros em caracterizá-lo, acreditando ser apenas uma indisciplina. Para a pesquisadora, os e as professoras também demonstraram uma prática pedagógica tradicional, o que em sua visão contribui para a manutenção do *bullying*, pois não há muito espaço para diálogo e escuta com as alunas e alunos (OLIBONI, 2008).

O segundo trabalho analisado é da autora Marina de Oliveira Chiorlin, do ano de 2016, com título: “*Bullying* na escola: A ponta do *Iceberg*”, trata-se de uma

dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas - Maceió. A pesquisa de mestrado da autora, investiga um recorte da realidade da educação no estado de Alagoas por meio de estudo de caso realizado na periferia da cidade de Maceió. O objetivo dela foi questionar o papel da escola diante do fenômeno *bullying*, uma vez que é justificado por diversas vezes a presença de tais ações associando-as a fatores exteriores como a família, a personalidade e a sociedade. Foram realizadas entrevistas, pela pesquisadora, com 5 docentes, sendo três homens e duas mulheres. A pesquisa teve como base vários autores e autoras que discutem o *bullying*. Também, foram feitas observações no espaço da escola. Após análise, a autora considerou que o fenômeno é ainda naturalizado e ocorrem na escola algumas descontinuidades que prejudicam o andamento de diversos processos que são fundamentais na superação do *bullying* nestes espaços (CHIORLIN, 2016).

A terceira pesquisa analisada é da autora Flávia Carvalho Malta de Mello, do ano de 2018, com título: "Representações sociais de professores sobre o *bullying* e seu enfrentamento no contexto da prática docente". A Tese foi defendida na Escola de enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - USP, no Programa de Pós-Graduação Enfermagem em Saúde Pública. Em sua pesquisa, a autora defende que escola não é a única responsável pela reprodução de violência neste contexto, se tratando de um fenômeno complexo. Foi realizado por ela, um estudo qualitativo, com objetivo de identificar as representações sociais dos professores e professoras sobre o *bullying* entre alunos e alunas e conhecer as estratégias adotadas frente ao fenômeno. A pesquisa foi desenvolvida em 4 escolas de rede municipal da educação, localizada na Região Norte da cidade de Ribeirão Preto, Estado de São Paulo. Participaram da pesquisa, 10 professores e professoras de quintos anos do primeiro segmento do Ensino Fundamental. Como instrumento de coleta de dados da pesquisa, foram realizadas entrevistas semiestruturada. Os resultados, na visão da pesquisadora, demonstraram que as e os professores sabem conceituar o fenômeno teoricamente. O estudo revelou, porém, dois grandes desafios aos e às docentes: a dificuldade de enfrentamento do *bullying*. As ações não se mostraram tão efetivas e terminaram por reforçar práticas de violência na escola (MELLO, 2018, p. 10).

Segue abaixo o quadro explicativo sobre os trabalhos acima citados para análise dos resultados das pesquisas.

Quadro 1 – Comparativo de resultados das pesquisas.

Autora	Título da pesquisa/Programa	Local da pesquisa	Etapa de ensino desenvolvida	Quantidade de docentes entrevistadas e entrevistados	Ano da pesquisa
Samara Pereira Oliboni	“O Bullying Como Violência Velada: A Percepção e Ação dos Professores” Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental	Rio Grande (Santa Catarina)	Ensino Fundamental II 6ª série (Escola Pública)	8 Professoras/Professores (Apresentados(as) com nomes de árvores para assegurar suas identidades e sem fazer distinção de gênero)	Pesquisa realizada em 2007 (Defendido em 2008)
Marina de Oliveira Chiorlin	“O Bullying Na Escola: A Ponta do Iceberg” Programa de Pós-Graduação em Educação	Alagoas (Maceió)	Ensino Fundamental II 6º ao 9º ano (Escola Pública)	5 Professores/Professoras (Três homens e duas mulheres)	2016
Flavia Carvalho Malta de Mello	“Representações sociais de professores sobre bullying e seu enfrentamento no contexto da prática docente” Programa de Pós-Graduação em Enfermagem em Saúde Pública	Ribeirão Preto (São Paulo)	Ensino Fundamental I 5º ano (Rede Municipal da Educação)	10 Professoras/Professores	2018

Com base nos relatos das pesquisas analisadas, foi possível realizar comparações. Um dos fatores que se faz presente neste capítulo de análise é o espaço de tempo realizado de cada pesquisa, uma de 2008, outra de 2016 e a mais recente realizada em 2018, espaços de tempo de 8 anos, e 2 anos entre as três pesquisas respectivamente, o que consideramos ser dados comparativos importantes para podermos notar se tivemos avanços ou não, também se houve algum retrocesso, sobre a compreensão e atitudes diante de ações de *bullying* escolar na visão das e dos professores.

3.1 O QUE OS E AS DOCENTES PENSAM SOBRE *BULLYING*

Em relatos das professoras e dos professores, coletados pela pesquisadora Chiorlin (2016), ao serem questionados sobre como o fenômeno *bullying* era visto e

se tais ações sem faziam presentes em suas épocas quando eram estudantes os mesmos afirmam:

O bullying praticamente não existia com essa concepção que tem hoje, ele era entendido como uma "zuação". Existia sim e eu presenciava, e eu vivia essa situação porque morava em periferia e daí havia esse embate. (P1) (CHIORLIN, 2016, p.80).

Naquela época não havia essa questão de bullying. Hoje convivendo com isso eu me lembro de momentos que aconteceram várias vezes, mas não era tratado como bullying. [...] era até uma questão de poder, de domínio pra época, existia aquele mais frágil, existia aquele que dominava a gente, é claro que aquele mais frágil sofria né. (P2) (CHIORLIN, 2016, p.80).

Já presenciei assim, com relação a pessoas mais gordinhas, aí ficavam tirando onda, mas isso era raro acontecer lá, mas a gente chegou a presenciar, mas nada que causasse também uma coisa tipo violência não, só ficava assim entre, assim, verbalmente falando, mas eram chamados atenção. (P4) (CHIORLIN, 2016, p.80).

Como pode se observar, com base nos relatos descritos acima, as e os docentes relatam que na época em que eram alunos e alunas, o fenômeno *bullying* já existia, porém, não era dado ainda o nome ao fenômeno, sendo compreendido como “zuação” como o primeiro relato evidencia.

Na pesquisa de Mello (2018), em dados mais recentes, é reforçado nos relatos dos professores e professoras entrevistadas(os) a afirmação de que o fenômeno não é novo, porém, só recentemente ele recebeu o nome, como a resposta, que apresentamos abaixo descreve, tais ações acontecem desde muito tempo atrás.

O bullying é mais comum do que aparece na mídia, né? [...] eu penso que atualmente só recebeu o nome, mas vem ocorrendo há muito tempo e refere-se a todo o tipo de agressão, seja verbal, seja física, psicológica [...] é uma forma de constranger ou agredir o outro constantemente [...] é constantemente, não é isolado, pode ser feito por uma pessoa contra outra, ou um grupo referente a uma pessoa (P1EI) (MELLO, 2018, p.94).

Tanto os relatos de Chiorlin (2016), quanto este agora apresentado se alinham ao que Fante (2005), pesquisadora do *bullying* afirma ter sentido. A autora explica ter presenciado tais ações em sua época escolar, porém só passou a entender o significado do termo posteriormente após compreende-lo melhor e relacionando-o com o que já conhecia na prática. O que mudou, foi que, após estudos, ela entendeu que esse tipo de violência (com características próprias) tinha nome: *bullying*.

Especialmente nessa fala acima, já é possível notar com base em dados mais recentes, uma compreensão maior por parte do ou da docente entrevistada no que se

refere a compreensão do fenômeno *bullying*. O que é falado se aproxima bastante do que se tem conceituado nos artigos, livros e pesquisas de pesquisadoras e pesquisadores da área.

Voltando aos relatos de Chiorlin (2016), na página anterior do capítulo, podemos prestar atenção no que diz o ou a “P2”. O ou a docente entrevistada descreve que tais ações eram tratadas como uma questão de poder em que havia o mais frágil que sofria e o que dominava. Com esta fala, podemos evidenciar o perfil das vítimas ou alvo de tais ações, como também descrevem outras autoras que investigam *bullying*, como a própria autora Fante (2005), em sua visão há a escolha do alvo mais frágil para sofrer tais ações, para demonstrar seu poder, o ou a agressora geralmente ataca quem acredita que não terá forças para revidar.

Ainda na pesquisa de Chiorlin (2016), no relato do ou da “P4”, é possível notar na fala do ou da entrevistada(o), que já havia presenciado tais ações em que se atingiam a vítima verbalmente, e isso ocorria com pessoas mais gordinhas. Na narrativa, fica claro que a ação não é considerada como violência, mas sabemos que o *bullying* pode ocorrer de várias maneiras, a fala explicita que “tirar onda por ser gordinho” não foi considerada algo grave, como o *bullying* propriamente falando, mas como um “tirar onda”. De acordo com a autora Ristum (2010), não apenas agressões físicas e verbais de forma direta são consideradas manifestações do *bullying* mas, formas indiretas como comentários, piadas, fofocas e risadas também podem ser consideradas, o que promove a exclusão, portanto, este relato é contraditório pois a professora ou professor se recorda de algo que seria *bullying*, mas em sua visão aquilo não seria realmente uma violência, mas sim uma espécie de brincadeira. Não podemos subestimar as diferentes formas do *bullying* se manifestar, pois não se sabe como essas crianças acima do peso poderiam estar absorvendo, vivenciando os comentários gordofóbicos. É provável que isso abalasse o sentimento de permanência e pertencimento a escola.

A autora Fante (2005), explica que é comum que, os alvos para ações de *bullying*, sejam escolhidos considerando além dos aspectos comportamentais visíveis como a ansiedade e ausência de defesa, outras características como traços físicos, sua aparência no geral, forma de se vestir ou seus trejeitos, são particularidades observadas pelo agressor ou autor do *bullying*. Isso sem mencionar que o *bullying* poder ter um caráter racista, homofóbico, gordofóbico e capacitista, ou seja, as

crianças por suas características físicas (cor da pele, peso, modo de andar, falar, vestir, se comportar e deficiência física) se tornam alvos com maior frequência.

É necessário que se trabalhe intensamente essas questões e que se enfatize o respeito. É preciso superar a imposição social de que só um tipo de corpo ou modo de ser é desejável e bonito empregado na sociedade atual. Vivemos um tempo em que as “aparências” (com as redes sociais, por exemplo) são tão impostas e cobradas, que ainda carecemos aprender a conviver de forma em que todos e todas se reconheçam como seres humanos. A diversidade e a diferença, não devem serem vistas como algo negativo, pelo contrário, elas devem servir para que as alunas e alunos aprendam, somem, reflitam e construam uma sociedade mais humana e plural. O *bullying*, portanto, reforça várias questões como essa de gordofobia, no comentário do professor ou professora e ainda outras como falamos: a homofobia, o racismo, questões de gênero, sexualidade entre outros fatores que precisam ser enfrentados.

Fante (2005), destaca ainda como as ações de *bullying* afetam as vítimas, elas sofrem com graves sentimentos de inferioridade e passam a acreditar que não tem valor, e assim, merecem os ataques sofridos. Ou seja, é muito prejudicial qualquer professora ou professor na sua responsabilidade de mediação, inclusive, das relações na sala, ter uma visão que ignore ou considere *bullying* apenas a violência física.

Dando continuidade no que se refere a compreensão do *bullying* pelas professoras e professores, quando questionados(as) sobre isso diretamente pela pesquisadora, os relatos foram:

Se eu pudesse definir a questão de bullying, seria alguma forma de você denegrir uma pessoa de você diminuir essa pessoa, de você humilhar, é uma forma de humilhação, uma humilhação covarde por sinal, muito covarde, hoje eu entendo que é preciso combater, é preciso de qualquer forma combater (P2) (CHIORLIN, 2016, p.82).

Bullying é quando você ultrapassa o limite da brincadeira. E começa a incomodar já é bullying, no meu entender é isso, e como a gente não sabe o limite da tolerância do outro, determinados tipos de brincadeira, eles não entendem assim, seria melhor nem começar, porque você não sabe até quando o outro vai aguentar, nem que problemas ele traz de casa, o que pra um pode ser uma bobagem pra outro pode ser um problema gravíssimo e pode levar esse trauma para o resto da vida (P3) (CHIORLIN, 2016, p.82).

Bullying, o que a gente chama assim né, popularmente falando é apelidar, causar um desrespeito, é um desrespeito, pra mim bullying é um desrespeito à condição social à condição física, à condição financeira, a discriminação, então bullying pra mim é tudo assim de negativo, que eu acho que não deveria existir. Pra começar desde pequeno o aluno respeitar o outro em si. (P4) (CHIORLIN, 2016, p.82).

Fante (2005), destaca que é preciso distinguir maus-tratos ocasionais e não graves dos maus-tratos habituais e graves para caracterizar *bullying* ou não. Tendo características comuns, a autora fala que o fenômeno é marcado por comportamentos produzidos de forma repetitiva num período longo de tempo, sem motivações evidentes. A autora define *bullying* como o desejo consciente de maltratar, humilhar e inferiorizar uma outra pessoa e coloca-la sob tensão.

Como mostram os relatos acima da(o) “P2”, “P3” e “P4”, eles(as) compreendem o fenômeno como algo que diminui a pessoa, como uma humilhação, quando se ultrapassa o limite da brincadeira. Seria apelidar, desrespeitar seja em qualquer esfera, não apenas física portanto, os relatos nos mostram certo conhecimento quanto a temática. Podemos perceber também que existe a preocupação para que tais ações não ocorram. É positivo ver o desejo de mudança, de superação do *bullying*.

Agora passamos para alguns relatos da pesquisa mais recente realizada no ano de 2018 pela autora Mello (2018), sobre as compreensões das professoras e professoras quanto ao *bullying*:

... eu diria que é qualquer ação ou... que gera uma agressão, que gera um mal estar na criança de ordem física, ou de ordem psicológica e que ocasiona algum problema na criança, de questão de saúde [...]da criança ficar impedida de fazer alguma coisa, de se sentir bem, de realizar alguma atividade, de se socializar, ou então de aprender, né [...] mas que gere um dano realmente pra criança [...]não é um simples xingamento ali, xingou [...] agora quando começa a ficar repetitivo e a gerar um mal-estar de fato na criança que a impeça de ficar, de permanecer com qualidade na escola, aí eu acho que deve ser caracterizado como bullying[...] (P2EI) (MELLO, 2018, p.94).

O bullying mesmo é aquele trato que é de um grupo específico, ou um aluno específico para com outro aluno, todos os dias, todos os dias, até desencadear algum fator psicológico [...] quem sofre essa agressão [...]é o fator psicológico, né [...] de isolamento, de [...] de choro, sabe de falta de diálogo, você vê que a criança fica mais reclusa dentro da sala, ela não se mistura, ela evita, ela tenta de todas as formas não, até mesmo nas conversas dela é muito baixa, muito tímida, e a característica de quem comete, o agressor, ou o grupo de agressor, é sempre um aluno que [...]eu entendo que aquela criança ela tem dificuldade de relacionar até mesmo em casa, então ela traz isso pra escola, e aí ela transfere isso, talvez como uma forma de se sentir no poder ou no controle, é [...] talvez enfim, é [...] talvez uma baixa estima também, sabe então ela acaba sendo o agressor, então [...]eu entendo assim. (P9EIV) (MELLO, 2018, p.94).

[...] do mais forte para o mais fraco. Então eu acho que assim tem aquele agressor, por que o bullying é aquele confronto[...] (P4EI) (MELLO, 2018, p.96).

Os relatos acima, comparando-os aos citados anteriormente, com diferença de dois anos para a pesquisa de Chiorlin (2016), mostra um detalhamento. Nas duas primeiras falas o entendimento sobre o fenômeno se mostra mais claro. As ou os professores(as) entrevistados(as) demonstram compreender melhor as ações de *bullying*, comentando que são ações que não ocorrem de forma esporádica e sim de forma repetitiva, que tais ações fazem com que as vítimas se isolem, deixem de socializar com outras pessoas, que tais atos podem afetar no aprendizado da vítima e que pode até mesmo afetar na permanência de qualidade dessa pessoa se ela é alvo do *bullying*.

O autor e a autora Francisco e Libório (2011), falam sobre este isolamento. É pontuado em suas pesquisas que, tanto vítimas quanto autores, necessitam de assistência pois lidam com situações emocionais profundas. As vítimas têm sua autoestima reduzida e os opressores(as) ou autores(as) passam por diversos problemas, perpetuando a dificuldade no desenvolvimento afetivo e no convívio com o outro.

O segundo relato, do ou da “P9EIV”, mostra que a(o) entrevistada(o) fala também dos papéis de tal ação, que o alvo ou vítima geralmente são aqueles ou aquelas alunas ou alunos que são mais tímidos(as), já o agressor segundo sua opinião é aquele que procura ter o poder ou o controle. Também um entendimento aprofundado.

Relacionando com as falas citadas, a autora Fante (2005), ressalta sobre tais questões, dizendo que o agressor do *bullying* mais direto tem a necessidade do uso da força ou do poder. Ele externaliza seus sentimentos em forma de ameaças ao outro, buscando dominação. Ressalta ainda, que os alvos são sempre os mais frágeis, pois o agressor acredita que pode dominá-lo, assim, o agressor tem sempre o sentimento de força e de confiança em seus atos.

Agora passamos para as narrativas do estudo de Oliboni (2008), que mesmo com 10 anos de distância do estudo mais atual, de Mello (2018), já traz relatos em que as professoras e professores conseguem perceber, ver que algo diferente acontece em sala de aula, mas não conseguem identificar o fenômeno, muitos tem dificuldades quanto a sua conceituação e reconhecimento, como demonstram as falas abaixo:

Olha, eu observo assim, mais o Sol e a Lua... ele provocava a situação, ele provoca ela. Era uma coisa assim, muito frequente, e eu não acho que é natural não. (OLIBONI, 2008, p.75).

Eu acho que poderia ser ali os meninos ali atrás, o Vento e o Sol em relação a menina..., a Lua. Eu acho que ela tava tão habituada a ser incomodada, que ela já não... não ligava mais. E era constante. Era uma coisa que acontecia..., não vou dizer diariamente, mas era quase. (OLIBONI, 2008, p.75).

Mas o problema é o Sol..., que tem problema com a outra menina, a Lua. Toda hora os dois, um cutucando o outro..., ali tem um problema de relacionamento. Eu não sei dizer ao certo o que é, mas eles têm problema um com o outro (OLIBONI, 2008, p.75).

Nestes três relatos acima, podemos notar que o(a) professor(a) consegue perceber os alunos e alunas envolvidas em uma situação de provocações e incômodo, mas no terceiro relato quando se diz: “eu não sei dizer ao certo o que é, mas eles têm problema um com o outro”, com esta fala, fica claro que o professor ou a professora, não consegue identificar facilmente as práticas de *bullying*. Não se pode, em nosso ponto de vista, naturalizar o *bullying* entendendo como alunos e alunas que tem problema entre si e ponto. É preciso enfrentar, se é repetido, como é evidenciado no relato, provavelmente se trata de *bullying* e então não estamos falando de um problema entre discentes, mas sim de um problema da escola, que não pode fechar os olhos e deixar acontecer.

Na pesquisa da Mello (2018), há uma professora ou professor que também não demonstra saber exatamente o que é o *bullying*:

[...]Eu ainda não tenho uma definição sobre o que seria, porque ainda acho que falta mais um pouco mais de estudo pra saber qual seria o limite para ser considerado bullying ou ser considerado um brincadeira, ainda não se tem um padrão pra gente poder dizer o que seria exatamente [...]são várias características, eu não saberia dizer... se é a personalidade de uma pessoa de fazer mal a outra e não se arrepender disso, tem gente que chama isso ... fala que a pessoa é psicopata né [...] então não tem como eu te dizer quais seriam os fatores que geram o bullying dentro da escola ou que refletem.(P3EI) (MELLO, 2018, p.95).

Temos que pensar que o *bullying* também é um problema da escola, ela precisa assumir isso, sair desse foco mais individual e tomar medidas para que todas e todos consigam conviver de forma segura e saudável. Pensar em estratégias coletivas de enfrentamento.

Voltando para os relatos de Oliboni (2008), existem ainda aqueles que acreditam haver apenas problemas de relacionamento da turma, considerando acontecimentos de *bullying* como algo da idade ou como brincadeira, como

demonstram os relatos a seguir:

Eu tenho uma visão, assim..., é uma visão superficial, mas é..., fase de adolescente, pré-adolescente ali..., eles se digladiam entre eles assim..., um querendo ser superior a outro em alguns momentos. (OLIBONI, 2008, P.75)
Deles eu percebo assim (da turma): uns muito fechados..., outros... é, parecem que estão sempre desconfiados de alguma coisa. Então até nas brincadeiras..., as vezes é uma brincadeira que eles fazem entre eles e que não tem maldade, mas eles conseguem deixar aquela brincadeira no lado negativo. E aí acaba ferindo um ou ferindo outro. Porque as vezes um diz uma brincadeira e daí eu já tento amenizar com outras brincadeiras em cima. Pra que a pessoa que se sentiu humilhada, que ela não veja pro lado negativo e que ela encare como uma brincadeira. Eu cansei de olhar pra eles e dizer: 'não, mas não é assim, não... entre na brincadeira. Ele está só brincando contigo (OLIBONI, 2008, p.75 e 76).

Analisando os relatos acima sobre o pensamento de ações de *bullying* na sala de aula, percebe-se que tais ações, são consideradas como fase, ou brincadeira. O mais preocupante nesse relato é que a ou o docente ao presenciar tais ações, relata dizer a aluna ou aluno que está sendo alvo dessa situação, que encare como uma brincadeira, o(a) mesmo(a) diz: “*não é assim, não... entre na brincadeira. Ele está só brincando contigo*”. Esta fala é extremamente questionável pois, durante muito tempo no nosso país por exemplo, racismo foi visto como brincadeira, comentário sem maldade e hoje sabemos, e como fruto das lutas do movimento negro, dos autores e autoras do tema e dos avanços das políticas, como é destrutivo para as pessoas negras. Também sabemos que machismo é frequente em piadas, e visto como brincadeira mas ele educa homens e mulheres para uma sociedade desigual. Mesmo sobre o peso, aparência ou jeito de ser, uma perseguição constante não é brincadeira, ela vai afetar a vida das crianças envolvidas, gerar sofrimento e exclusão dentro da escola.

Não acreditamos que seja essa a melhor forma de lidar com a situação, “brincadeiras de mal gosto”, ou o *bullying* neste caso, não vai ser enfrentado. Não podemos considerar como atos passageiros agressões verbais ou humilhações constantes que os alunos e alunas fazem, por causa da idade ou etapa de suas vidas. Dizer para esquecerem não seria um enfrentamento adequado, mas percebe-se que isso acontece muito como pontua outro relato:

O caso é pedir pro mais calmo, pra não dar muita atenção. No caso da Lua, daí ela já não dando tanta atenção pro Sol..., ele iria parar... e as vezes ele parava um pouco. (Jacarandá) (OLIBONI, 2008, p.60).

Eu disse várias vezes pra ela (Lua)..., não, não leva em conta né. Vai isola, esquece, faz que ele (Sol) não está aí... (Limoeiro) (OLIBONI, 2008, p.60).

Podemos ver que o pedido de ignorar o outro ou outra pessoa que incomoda a vítima é uma tentativa de ajudar por parte do professor ou professora, porém podemos notar pelo próprio relato quando se diz: “ ... ele iria parar... as vezes ele parava um pouco”, esse “as vezes ele parava um pouco”, deixa claro que mesmo a vítima ignorando, tais ações não deixavam de existir, acontecendo novamente outras situações de provocações. Se os nomes fictícios Sol e Lua tem a ver com o masculino e feminino, temos aí uma questão de gênero envolvida, em que a menina precisa ignorar o menino, ela não encontra apoio adequado para enfrentar as provocações. No caso do aluno, o Sol, aprende que está tudo bem, que ele não precisa mudar seu comportamento, que ele pode tudo, se a menina não gostou, “problema dela”, cabe a ela ignorar.

Francisco e Libório (2011), no que se refere a frequência do *bullying* escolar, destaca que tais ações podem variar, podendo acontecer uma vez por semana, várias vezes por semana ou até três a seis vezes por ano. Outros autores como Pizarro e Jiménez (2007), de acordo com Pereira (2002), relatam que para se caracterizar como vítima, é necessário que o mesmo tenha sofrido de três a seis ataques em um mesmo período do ano e que sejam ações de caráter intencional e repetitivo.

Ao analisar as falas dos autores e autoras citados acima, podemos evidenciar que os casos acontecidos em sala entre a “Lua e o Sol” são ações de *bullying*, pois acontecem repetidas vezes de forma intencional.

Como demonstram os relatos citados, ao desconsiderar diversos comportamentos relevantes que evidenciam o *bullying*, não enfrentando-o, as chances do aumento destas manifestações são ainda maiores. Os relatos evidenciam que existe insegurança por parte dos profissionais em caracterizar o fenômeno e muitos acreditam por diversas vezes ser brincadeiras da idade, ou algo para chamar a atenção das professoras e professores ou colegas, alguns relatos ainda supõem que os envolvidos gostam da circunstância da ação, como demonstram os relatos a seguir:

Eu acho que eles (Sol e Lua) queriam chamar a atenção, né. Eles reclamam pra gente daquilo ali, mas na verdade eu acho que eles estão gostando daquela situação ali. Então, eu acho que é próprio da idade deles, né. Ali, me pareceu mais uma brincadeira deles pra chamar a atenção da turma, ou pra

chamar a minha atenção, não sei porque também. (Jacarandá) (OLIBONI, 2008, p. 85).

Mas o que eu observo no Sol é que ele tem uma forma..., ele fica tentando chamar a atenção se movimentando, falando bastante o tempo todo, né. (Louro) (OLIBONI, 2008, p. 85).

:

Eu acho que na verdade, que eles querem aparecer. Um quer aparecer mais que o outro. Quer se mostrar mais que o outro. Que é onde acaba acontecendo até as desavenças ali dentro, né. (Coqueiro) (OLIBONI, 2008, p. 85).

Os três relatos citados acima são graves pois confirmam que além do desconhecimento do fenômeno *bullying*, as ou os entrevistadas(os), sugerem que estes momentos marcados por ações do fenômeno são para “chamar a atenção”, citam ser “próprio da idade deles”, “me pareceu ser mais uma brincadeira deles”, que “querem aparecer”. Com tais discursos, notamos que em concordância com o autor e a autora Francisco e Libório (2011), ações de *bullying* que ocorrem nas salas de aula, por diversas vezes são naturalizadas por professores e professoras ao considerar como “brincadeiras”, “coisas de criança”, sem dar a devida atenção e importância necessária ao fenômeno *bullying*. Ainda sobre considerar como brincadeira, outro relato da mesma pesquisa evidencia o mesmo:

Eles brincavam muito com a Água também..., então..., era besteirinha, brincadeira assim..., porque ela é uma menina bonitinha, né, então eles se insinuavam pra Água. Então eu acho que essa insinuação também é complicada né. A Água até veio uma vez conversar comigo, uma vez sim..., dessas brincadeiras deles. Então ela não se sentia bem por causa disso. Já a Lua, ela não se queixava. Então eu não sei se a Lua gosta, ou gostava do que acontecia, ou se não ligava mesmo, né. (Coqueiro) (OLIBONI, 2008, p. 85).

Esta fala de “Coqueiro”, diz que alunas e alunos por vezes já procuraram pelos professores e professoras, e relata que não se sentia bem quanto a essas “brincadeiras”, que na verdade eram, sim, o *bullying*. A narrativa pode ser pensada com o autor e autora Francisco e Libório (2011), que explicam esta questão, sendo levantado sobre os sentimentos das vítimas, que tem sua autoestima reduzida, já os agressores, passam por problemas quanto a sua escala de valores.

Também é possível ver uma questão de gênero, Água é descrita como uma menina “bonitinha” e que seria por isso que sofria, porém, demonstraria não estar “gostando”, já a Lua por “não se queixar”, na opinião do professor ou professora, poderia estar “gostando” da situação. Essa fala é muito grave pois parte da ideia de

que se uma menina não denuncia, não diz explicitamente que alguém está fazendo algo com ela, é porque no fundo ela estaria gostando das provocações. Reforça a culpabilização das vítimas, em especial, mulheres.

O trabalho de Oliboni (2008), conforme já comentamos não é atual, ele tem 11 anos, se considerarmos que a autora entrevistou os professores e professoras em 2007, ele tem na verdade 12 anos. Então, pensamos que ele reflete também a época em que aconteceu, em pesquisas mais recentes os dados mostram resultados mais positivos. Na pesquisa realizada pela autora Mello (2018), podemos notar mudanças de pensamento frente ao *bullying*, no que se refere à preocupação de não considerar que tais ações sejam caracterizadas como “brincadeira”, ou “coisas de criança”:

[...] a gente tem que saber diferenciar o que é bullying e o que é uma brincadeira, uma brincadeira de mau gosto ou às vezes algo pontual [...] do mais forte para o mais fraco. Então eu acho que assim tem aquele agressor, por que o bullying é aquele confronto, aquele prazer de ...né, de tá fazendo aquela maldade [...](P4EI) (MELLO, 2018, p.94).

Compreendendo que na escola os lugares mais comuns para as ações acontecerem são identificadas como recreio e o segundo local, a sala de aula. As professoras e os professores precisam saber identificar tais ações no cotidiano escolar.

Ortega (1994), Abrapia (2000) e Fante (2005), destacam que, segundo pesquisas, os locais de maior incidência do *bullying* escolar é primeiramente no pátio, ou recreio, sala de aula e por último corredos e arredores da escola.

3.2 AS ATITUDES TOMADAS PELAS PROFESSORAS E PROFESSORES DIANTE DO BULLYING

Atendendo ao outro objetivo da nossa pesquisa, que é analisar as ações das professoras e professores, ao serem questionados quanto a seus posicionamentos frente ao fenômeno na sala de aula, vários foram os relatos obtidos como:

Eu tenho o meu papel ali, bem definido, que é passar o conhecimento, né. E eu acho que isso a gente tem que prezar. Ou porque a gente passa o conhecimento, ou a gente controla uma turma numerosa e as vezes agitada, né. (Abacateiro) (OLIBONI, 2008, p.54).
Porque eu entro na sala de aula, eu já faço a chamada e eu já começo a trabalhar, passar a matéria, ou a ditar, ou a explicar. (Plátano) (OLIBONI, 2008, p.55).

Eu estudei, eu me formei pra vir aqui passar conhecimento científico. Mas nas brigas de vocês eu não posso me envolver. (Pinheiro, em referência uma declaração sua aos alunos) (OLIBONI, 2008, p.55).

Nestes três relatos das professoras e dos professores, da pesquisa de 2008, acreditam que seus papéis se restringem a transmissão de conhecimento de acordo com o conteúdo programático, desconsiderando qualquer eventualidade ou acontecimento. Elas e eles, objetivam o seguimento de suas aulas independente dos problemas que surgem na sala de aula, portanto, se desvencilham dos acontecimentos tratando os problemas como algo que não podem se envolver como está posto no terceiro relato.

Estes professores e professoras claramente se mostram com um perfil profissional mais conteudista se preocupando mais em cumprir com as aulas pontualmente. Outro relato vem em concordância com os anteriores ressaltando que mesmo presenciando casos de *bullying*, ignoravam, e continuavam com a matéria:

Olha pra falar a verdade, muitas vezes eu fazia de conta que não via. Porque, olha..., se a gente fosse tomar uma atitude por cada coisa que acontecia dentro daquela turma, a gente não dava aula. Você teve ali dentro da sala, você deve ter percebido isso. Muita coisa... coisinha... a gente fazia de conta que não via e não ouvia. Postura errada? Sei que é. Mas se você for tomar ao pé da letra tudo o que acontece ali, não dá. Infelizmente. (Coqueiro) (OLIBONI, 2008, p.58).

Vê que tá acontecendo, você vê que tá acontecendo alguma coisa. Aqui na frente, você que tá comandando a aula, você percebe que existe umas movimentações, algumas falas..., mas a gente aqui na frente não sabe bem o que é que tá acontecendo. Mas eu nunca vi alguma questão de intimidação entre os alunos. Até mesmo assim, tem os que são diferentes... a Terra, o Vento que são gordinhos, né..., eu nunca presenciei nada em alguém. Pode até acontecer, mas eu nunca presenciei um aluno fazendo alguma piadinha sobre eles. (Louro) (OLIBONI, 2008 p.93).

Agora na hora ali de prestar a atenção é que começa aquela conversa paralela, aquele tumulto. E a gente particularmente não consegue ver o que que tá acontecendo por trás, né. Porque a gente é um ali na frente. A gente não tem como, a gente tá observando coisas diferentes entre eles... Muitas vezes você vê que não é harmoniosa a interação da turma ali. O relacionamento da turma não é harmonioso. (Abacateiro) (OLIBONI, 2008 p.93).

Nos relatos colhidos acima, as e os entrevistados(as), no geral, relatam fazer de conta que nada veem mesmo compreendendo não ser a melhor atitude a se tomar. Sabem que a interação dos alunos e alunas não está se dando de forma harmoniosa, mas, nem mesmo tentam romper com as barreiras e problemas frente a esses comportamentos presenciados.

Ao mesmo tempo é importante pontuar que não adianta culpabilizarmos as professoras e professores diretamente. A ação deles nos fazem pensar em muitas outras coisas, entre elas a própria infraestrutura em que acontecem as aulas, será que a impossibilidade de enfrentar os casos de *bullying* também não são reflexos de salas de aulas lotadas, currículos extensos e sobrecarga de responsabilidade dos e das professoras? A autora Carvalho (2011), comentou essa questão da estrutura e condições das escolas públicas para pensar o *bullying*.

Mas além disso, acreditamos que seja de fundamental importância que os e as docentes tenham uma boa relação com as alunas e alunos, compreendendo os problemas que podem surgir no dia-a-dia da sala de aula. Quando o professor ou professora não estabelece boa relação com seus alunos(as) de trocas e ignora totalmente a realidade que presencia, omitindo-se dos fatos, o mesmo está colaborando para que o problema só se perpetue cada vez mais.

O autor e a autora, Francisco e Libório (2011), de acordo com Martins (2005), afirmam que, os alunos e as alunas ao sofrerem *bullying* no ambiente escolar, esperam ter o auxílio das e dos professores para solução do problema. Como podemos notar, existem casos como estes em que os e as docentes fingem que nem veem, e com certeza não ajudarão os seus próprios alunos e alunas, ou outros, como nos dados e Chiorlin (2016), que mostram que quando se sentem preocupados com a problemática, não se encontram preparados e não sabem, portanto, impedir tais atos. Eles demonstram até mesmo certa frustração na dificuldade de mais estratégias para o enfrentamento do fenômeno como evidenciam os relatos abaixo:

Bom, eu assim, eu não posso dizer que me vejo inerte na verdade, porque quando se trata de adolescente nós não temos nenhuma atitude a tomar salvo direcionar a coordenação ou conselho tutelar. Mas eu posso dizer que me vejo de mãos atadas em relação a uma atitude mais incisiva, mas eu posso dizer que eu não vou dizer que fico inerte como eu falei porque eu tenho minhas formas de driblar a situação e trazer para uma situação de conforto, tentar trazer para uma situação de conforto. (P1) (CHIORLIN, 2016, p.86).

Eu tenho um ódio muito grande por essa questão do bullying [...]. (P2) (CHIORLIN, 2016, p.86).

É uma coisa que me deixa indignada, eu inclusive eu tento trabalhar assim, de uma forma educacional, porque antes de ser professora, nós somos educadoras, então assim, eu me sinto meio que na responsabilidade de contribuir pra eles não cometerem esse tipo de coisa dentro de sala de aula, eu aconselho, mostro que discriminação não leva a nada que é um fato que pode acarretar em violência, então não é bom, tento mostrar da melhor forma possível que isso é errado. (P4) (CHIORLIN, 2016, p.86).

Às vezes a gente se sente frustrada, porque a gente tenta fazer com que aquilo pare, tenta explicar, mostrar que não é desse jeito, mas parece que entrou num ouvido e saiu pelo outro, a gente toma aquela atitude e ajuda ali naquela hora, “parou se desculpe etc. e tal, não faça mais isso” mas “N vezes” a gente vê acontecendo do mesmo jeito no outro dia, então assim, a gente se sente meio que frustrada, como é difícil conseguir parar o bullying na escola. (P5) (CHIORLIN, 2016, p.87).

Os relatos acima, de forma geral, trazem a questão do reconhecimento da gravidade do *bullying* que acontece nas salas de aula, porém na maioria são relatados, pelas professoras e professores, uma incapacidade para resolver. Eles tentam lidar com o problema, mas não conseguem, de fato, acabar com tais ações. Podemos refletir a partir destas falas sobre o papel da escola como um todo também, na contribuição da gestão e da comunidade escolar que precisariam se posicionar e enfrentar juntos a questão.

Outra questão interessante é uma professora entrevistada afirma que além de docente ela é uma educadora. É muito positivo ver que ela entende que a escola é responsável pela formação integral dos alunos e alunas, não só para dominar os conteúdos.

Outro fator que a pesquisa da Chiorlin (2016), nos traz é que podemos refletir que muitos professores e professoras ainda constroem seus modelos de profissionais se espelhando nos seus antigos e antigas docentes e não no que aprenderam estudando. Podemos compreender os olhares dos professores e professoras no que consideram ser um bom modelo ou não na pesquisa da autora Chiorlin (2016), pois a pesquisadora questionou os entrevistados e entrevistadas sobre suas experiências escolares no tempo em que eram alunos e alunas.

As entrevistadas e os entrevistados relataram lembrar de várias questões do dia-a-dia na sala de aula, assim como a prática desempenhada pelos seus professores(as). Em diversas falas nota-se o tradicionalismo empregado pela escola e o que é notório é que, em muitas narrativas, a escola é citada como espaço disciplinador, não é citada como espaço de aprendizagem ou de crítica da realidade. Também pode-se observar que foi considerado marcante para os entrevistados(as), aquelas e aqueles docentes que conseguiam controlar a sala ou tinham um compromisso rígido com o conteúdo, como mostra a seguir:

Quem estudou na época da ditadura sabe: você não tinha muito espaço pra pensar, pra você debater, o debate, o discurso era mais restrito, era aquele

papel pronto, aquela coisa pronta. Alguns professores foram importantes na minha vida, o professor de matemática eu me lembro, era muito disciplinador, muito firme. (P2) (CHIORLIN, 2016, p.78).

[...] Porque quando começava a fazer alguma coisa [se referindo aos alunos] o professor tirava e ia pra coordenação, ia pra direção [...] enfim, de toda época de escola mesmo, tem um professor que marcou, um professor do primeiro ano do ensino médio [...] ele era uma pessoa séria com relação aos conteúdos, [...] e a gente tinha certeza que ele ia começar o livro terminar e explicar e a clareza da explicação, então acho que isso marca (P3) (CHIORLIN, 2016,p.78).

Era uma prática muito tradicional, o professor mais falando e a gente ouvindo. [...] a maioria eram aulas bem tradicionais, professor falando e toda a turma em silêncio escutando, depois era resolver o exercício com questionário, tinha aquele bendito questionário, nas matérias teóricas sempre tinha um questionário , até pra estudar pra prova, um questionário de não sei quantas questões, você tem que estudar por aqui, era uma coisa bem enfadonha. (P5) (CHIORLIN, 2016, p.78).

No relato da(o) “P2”, “P3” confirma-se o tradicionalismo da escola, em que é comparado pelo(a) “P2” até mesmo como de “quem estudou na época da ditadura já sabia”, portanto consideram importantes figuras de profissionais altamente disciplinadores como marcantes em suas vidas. Tais relatos demonstram que a aplicação rígida no momento de seguir os conteúdos era uma questão plausível a seus olhares. Com estes relatos podemos, então, inferir que em suas práticas atuais como docentes, os mesmos ou as mesmas, podem estar seguindo com este modelo rígido e tradicionalista em que a transmissão de conteúdo é o mais importante, independentemente de qualquer coisa.

Já no relato do(a) “P5”, nota-se certa reclamação quanto à prática das aulas, de serem muito conteudistas e nada motivadoras ou maleáveis, considerando ser algo cansativo, que causava aborrecimento. Este ou esta entrevistada ou entrevistado, já demonstra um posicionamento portanto contra a esse método tradicional de professor ou professora como detentor do conhecimento e distante dos problemas nas relações sociais apresentados pelas alunas e alunos.

Outros relatos expressam o mesmo que o(a) “P5”, mostrando indignação quanto à condução das aulas e a pouca motivação que tinha até mesmo de frequentar as aulas por ser algo muito conteudista e cansativo:

Não tinha o direito de conversar, nem rir, não existia muito movimento em sala de aula, era todo mundo prestando atenção no professor, era chato [...]. Na verdade, tinha dias que a gente achava essa rotina enfadonha, eu ia porque eu tinha que ir, existia uma ordem obrigada, mas que isso não motivava a gente que tava lá como aluno né. (P5) (CHIORLIN, 2016, p.79).

Precisamos refletir, portanto, que os tempos mudaram e as alunas e alunos precisam sentir-se motivados. O professor ou professora não é o detentor absoluto do conhecimento. Ele é um ser humano em construção e em busca constante por construir seus saberes e que aprende com os alunos e alunas. Podemos dizer que, atualmente, os alunos e alunas devem ter protagonismo na sala de aula os e as docentes são mediadores e mediadoras do conhecimento, não seus detentores absolutos. Nesta linha de pensamento, apesar de, na atualidade, o tradicionalismo estar presente em diversas instituições escolares, novos métodos e estratégias devem ser trabalhadas, assim como um olhar mais humano e inclusivo para com os alunos e alunas deve se fazer presente.

Os e as estudantes tendem a passar muito tempo de suas vidas nas escolas, por este motivo, o papel das professoras e dos professores na identificação de diversos problemas como o enfrentamento do fenômeno *bullying* que não deve ser menosprezado. O papel das e dos docentes na escola, na vida dos alunos e alunas é fundamental, podendo impactar tanto de forma positiva, como negativa.

Muitos professores e professoras em seus relatos se mostraram preocupados com seus alunos e alunas, em conversarem com eles e elas, em momentos até mesmo fora do horário de aula. Compreendem que é preciso e até mesmo mostram perceber que o problema para a resolução de alguns problemas, dependem do envolvimento docente, que a prática do professor ou professora pode em algumas situações não ser a mais adequada. Como demonstram os relatos a seguir:

Eu acho que a gente deixa muito a desejar. Sabe aquela coisa..., eu vou tirar meia hora do meu tempo pra estar conversando com eles. Sabe, não precisa ser no horário da minha aula. Muito pelo contrário..., num outro momento. Ou..., ou vou tirar um tempinho pra tá fazendo um trabalho extra com eles né. E raro são os professores que fazem isso. Então talvez esteja faltando assim, conquista. Nós conquistarmos eles, né. Não sei qual é a forma também. Mas talvez esteja faltando isso também. Porque eu acho que o problema da turma nem é tão grave, mas nós que estamos vendo o problema maior do que seja. Talvez o problema seja até nosso. (Coqueiro) (OLIBONI, 2008, p.69).

Tem professor que de meia em meia hora tá no gabinete da diretora com o aluno: 'ô esse aluno tá me causando problema por isso, porque aquilo'. Reclama, reclama e você vai ver, o problema está mesmo no professor. Eu comecei a observar. Então você vê professor levando toda hora aluno, e as vezes o problema está no professor, não nos alunos. (Limoeiro) (OLIBONI, 2008, p. 69).

Por um lado, acreditamos que não devemos colocar como responsabilidade única dos professores e professoras enfrentar o *bullying*, do mesmo modo que não

podemos culpar os e as docente, transformando-os em vilões, também não devemos acreditar que são heróis, que devem se sacrificar até fora do seu horário de trabalho para resolver as questões dos alunos e alunas. Em resumo, seria importante vermos os professores e as professoras como mediadores das relações sociais na escola, não podem se tornar alheios para o problema do *bullying*, ainda que não sejam sozinhos capazes de superá-lo.

Os relatos, acima citados, enfatizam que a conduta do professor e das professoras e seus posicionamentos para com seus alunos e alunas precisam ser pautados sempre no respeito, objetivando a compreensão e um bom relacionamento. Normalmente, os conflitos só são resolvidos quando há diálogo, pois, posicionamentos autoritários não são a melhor forma de solucionar possíveis problemas.

Ao refletir sobre as falas citadas ao longo do capítulo, podemos nos questionar, que se as ou os docentes não prezarem por um vínculo mínimo, uma relação com empatia, os alunos e alunas não poderão contar com o apoio deles ou delas e nem mesmo terão a confiança para denunciar situações de violência na sala e não terão, assim, nenhum auxílio. Essa aproximação, na relação harmoniosa docente x discente se faz de extrema importância, pois só assim, as professoras e professores poderão ajudar seus alunos e alunas. Não se trata de resolver tudo de modo individual, mas ter um olhar mais sensível, sendo capaz de ver, além de um número e um nome na chamada, as suas qualidades, problemas e necessidades.

Ainda sobre tentar auxiliar os e as estudantes frente a problemas no cotidiano escolar, a ou o entrevistado(a) relata que são diversos os fatores que ocorrem com os alunos e alunas também no ambiente fora da escola, que por esse motivo, a educação para a cidadania deve ser constantemente prezada, pois se no dia-a-dia do trabalho escolar o compromisso com a formação para o convívio com a diferença forem passadas persistentemente, apesar de ser um esforço diário por vezes, podem levar a um caminho de transformação, como descreve o relato:

Tenho tentado de todas as maneiras ajudar. Agora, só a escola, e por mais que a gente faça, nem sempre a gente acerta, não é o suficiente. Porque eles passam vinte horas fora da escola e quatro dentro da escola. Então as vezes a promiscuidade, a vulgaridade, o senso comum o tempo inteiro, termos bastante chulos, é o comportamento antissocial, a forma muito íntima e desrespeitosa que eles vivem fora, embora, como eu disse anteriormente, eles até se comportam bem aqui dentro, mas eles têm uma vivência muitas vezes meio complicada, dependendo do aluno, do núcleo familiar..., com

agressões física, psicológica e de outras naturezas. Então por mais que seja um trabalho... a gente precisa continuar fazendo. (Pessegueiro) (OLIBONI, 2008, p.69).

Outros relatos, como no estudo de Mello (2018), evidenciam que as professoras e professores gostariam que ocorressem mais palestras ou algum projeto, formação continuada, o que fosse, para poderem compreender mais sobre a temática do *bullying*, por não saberem como agir diante do fenômeno:

Esse assunto do bullying, é um assunto que, assim, eu gostaria até de participar mais, né? Porque assim, eu não tenho muita experiência na área como professora, mas assim, eu estou sempre em palestra, em [...] sabe? [...] estudo [...] Só que assim, não tem muito assim, sabe? Não tem muito [...] conhecimento disso, mas assim [...] forte, sabe? [...] Algo concreto, algo que você traz e fala “ah eu vou fazer isso” [...] “Ah eu vou usar assim [...]” Ou tal escola tá adotando isso [...] e tá [...] Estratégias [...] algo protocolado mesmo, algo que [...] É, então, mas é tão recente, você concorda? [...] que é tão recente, que não chegou nem nas nossas mãos [...] Exatamente, algo concreto mesmo, pra gente trabalhar e saber até [...] porque assim às vezes eu tenho vontade de falar algumas coisas, mas eu nem sei se eu posso, né? [...] E porque será que eu posso falar “ah é isso!!!” [...] “É bullying?” É [...] ou a escola ainda não [...] trabalhou isso [...] (P10EIV) (MELLO, 2018, p.95).

O relato da(o) entrevistada(o) “P10EIV”, afirma a necessidade de uma formação que prepare melhor as ou os docentes, que diante de ações de *bullying* acabam por não saber como agir. Como afirmado no relato, fica claro a necessidade de uma compreensão mais ampla sobre o assunto, de mais estratégias para o enfrentamento do fenômeno.

O relato abaixo reafirma esta questão da falta de formação específica e a busca por si só dos professores e professoras para o enfrentamento do fenômeno:

[...] assim, dizer que eu tenho uma formação específica para lidar com o bullying eu não tenho, é instintivo, eu vou pesquisar eu vou tentar, vê se tem alguma sugestão de literatura específica dentro da pedagogia, mesmo porque no curso de pedagogia menciona esse tipo de [...] né, menciona bem passageiramente [...] (P9EIV) (MELLO, 2018, p.95).

Formações continuadas sobre o tema, para reflexão sobre as práticas pedagógicas são pouco oferecidas como declaram os e as entrevistadas(os), assim como a valorização dos e das docentes ainda se mostram de forma preocupante na atualidade, tendo o profissional que trabalhar com carga horária de dupla ou até tripla jornada de trabalho como descreve os relatos do estudo de Chiorlin (2016), a seguir:

O Estado não tem fornecido programas de capacitação adequados para os professores, principalmente quando se trata da diversidade. Ele não tem fornecido. Poucas vezes alguns programas começam e não continuam, e param pelo caminho. Percebe-se a inércia do Estado em relação à competência que ele deveria ter em elevar a educação, em fazer a educação progredir que na verdade, ao meu ponto de vista, nesta questão de capacitação de professores, de melhorar a qualidade está estagnada. (P1) (CHIORLIN, 2016, p. 88).

Não tem espaço quase nenhum, a aula na escola o horário é muito cheio e caderneta você leva pra casa, tem trabalho pra organizar, então não tem muito espaço não. (P3) (CHIORLIN, 2016, p. 88).

Eu acredito que esses espaços só existem pra quem está numa escola só. Eu por exemplo, eu tenho 40 horas aqui e 20 horas a noite na prefeitura, então eu tô fora de casa o dia inteiro, a gente não tem um tempo. E então nem paciência eu tenho, o último curso que eu fiz foi ano passado no primeiro semestre, eu fiz o curso de libras que foi pelo Estado. Depois de quanto tempo fiz esse curso, e há muitos anos atrás fiz um de como trabalhar com a informática do sistema Linux que é o sistema do Estado né, mas assim, pra todas as áreas quase não têm. (P5) (CHIORLIN, 2016, p. 88).

Portanto, notamos que são diversos os desafios enfrentados até hoje em diversos aspectos na área da Educação. Conforme abordou Carvalho (2011), a estrutura da escola, a forma como o trabalho acontece impacta nas ações, além da própria qualidade com a educação. Enfrentar o *bullying* em sala faz parte das responsabilidades de qualquer professora ou professor. Não se pode, simplesmente, ignorar uma situação que coloca, inclusive, em risco a permanência na escola, mas ao mesmo tempo, as condições de trabalho docente, a falta de tempo para pensar as questões do seu trabalho, a profunda desvalorização docente em nossa sociedade coloca não só esse tema, mas muitos outros em risco.

Ainda sobre o enfrentamento ou estratégias das instituições e professores(as) contra o *bullying* os relatos foram:

Por duas vezes eu vi que eles trazem palestras sobre o assunto para os alunos. Durante o dia eles pegam duas ou três turmas e colocam, e os professores daquelas turmas também assistem. E além das palestras quando é excessivo aí chama os pais, e quando é ainda mais excessivo que não conseguem dar jeito aí vem o processo de suspensão. Não sei se aconteceu o caso, mas até a retirada do aluno da escola por não querer aderir aos parâmetros que a escola exige. (P1) (CHIORLIN, 2016, p. 83).

Chamam os alunos né, a direção, a coordenação, conversam se for o caso de partir pra uma agressão física então chamam os pais e tem o conselho tutelar, então isso inibi mais. Elas [coordenação e direção] estão sempre em cima dessa situação, não deixando acontecer. (P4) (CHIORLIN, 2016, p. 83).

A gente conseguiu aqui pegar nesses dos últimos anos, alunos realmente indisciplinados e que criavam problemas na escola de droga e tudo. A gente conseguiu tirar vários da escola, convida-los a sair da escola, porque os pais,

quando acontece, os pais veem e conversam, se acontecer mais uma vez, eles já assinam termo de responsabilidade, que se acontecer qualquer coisa pela terceira vez eles já sabem que o filho vai ser convidado a sair (P5) (CHIORLIN, 2016, p. 83).

Com base nestes relatos, é possível notar que algumas palestras são propostas pela escola. Os pais e mães envolvidos podem ser chamados e no caso de não solucionar alunos e alunas agressivos saem das escolas. A atuação da gestão escolar, segundo esses relatos acima agem de forma mais pontual levando as palestras, aplicando suspensões ou até mesmo fazendo com que pais de alunos assinem termos de responsabilidade caso fatos de qualquer natureza aconteçam repetidas vezes eles são convidados a se retirarem.

Estas medidas não seriam as mais adequadas a se tomar frente as variadas questões. Na LDB 9.394, de 1996, é colocado no art. 3º: “O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I – Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”, fica claro por esta lei, de que a escola não pode pensar que expulsar um aluno da instituição é um ganho, ou a solução. Como está presente em lei, os valores devem ser repensados, para que práticas assim não aconteçam, é necessário que outras estratégias sejam criadas, visando essa permanência todas e todos, que é de fato direito.

O que percebemos é que na pesquisa quase nenhum docente mencionou a criação de projetos contra o *bullying*, um projeto maior, envolvendo toda a escola, e desde as primeiras turmas, poderia ser um ganho, educar as crianças desde pequenas para a convivência harmonioso, respeitosa, pois ações pontuais, levar uma ou duas palestras, não são suficientes para mudar um quadro de intolerância e violência.

A pesquisadora Chiorlin (2016), questionou seus e suas entrevistadas sobre a relação entre *bullying* a e escola e o porquê de tais ações, os relatos foram:

No meu ponto de vista eu acho que há uma inversão de valores que vem de dentro de casa, da comunidade que o sujeito vive e ele começa a trazer para os outros e demais ambientes que ele passa a presenciar e que ele passa a viver. Então essa inversão de valores, e posso dizer assim, a perda desse respeito acaba transformando as ideias restritas de alguns em situações desfavoráveis para outros. (P1) (CHORLIN, 2016, p. 84).

Ele [o bullying] acontece, podemos citar a questão da desigualdade social, e muitas vezes o grupo menos privilegiado é uma arma que eles tem, uma forma de defesa e ao invés de juntar-se de procurar apoio, vem a forma da agressão, então isso aqui é mais psicológico do que outra coisa, eu não saberia te explicar bem, e tem a questão também do domínio do poder de

grupos que precisam se sobressair, então é mais psicológica a coisa, não sei te explicar direito (P2) (CHORLIN, 2016, p. 84).

[...]eu diria que essa questão do bullying é mais uma falta de orientação em casa, aí tem a ver muito com a família, com educação, com a orientação que ele recebe em casa, então se ele tiver essa orientação em casa, a questão da igualdade, a questão da tolerância, se forem tratados esses temas em casa e claro que não é 100%, toda regra tem exceção, um ou outro vai fazer, mas se ele tiver insistentemente essa orientação em casa ele vai levar como se diz pra rua, e a rua é a escola, a sociedade a orientação que recebeu em casa. Mas muitos dos nossos não tem essa orientação, então em casa, a escola vai entrar só como o local onde ele vai colocar em prática o que talvez em casa ele enfim deixou passar. (P3) (CHORLIN, 2016, p. 84).

[...] na minha opinião acho que isso vem mais de um fator, como eu diria, da questão de casa mesmo, da educação, entendeu, porque eu me vejo também por exemplo como aluna, eu me via como aluna, com a educação que eu recebi sabendo que era errado ofender o coleguinha ou discriminar o coleguinha de qualquer forma então e vejo mais como uma coisa intrínseca, de dentro, e não uma coisa externa, porque se eu vejo o coleguinha chamar eu sei que é errado eu não vou fazer aquilo por isso que eu vejo algo intrínseco, algo familiar também, a história de cada um que vivencia na sua própria casa né, a educação. Eu acho assim, se for uma relação pra falar, eu poderia dizer assim que pode ser influência, colegas influenciando outros colegas mas de surgir o bullying eu acho que é mais algo de personalidade, intrínseco, a não ser causado por influências que você vê externamente e aí pode levar, um chama e o outro vai chamando (P4) (P3) (CHORLIN, 2016, p. 84 e 85).

Os diversos relatos mostram diversas opiniões quanto ao pensamento dos e das docentes quanto a fatores que podem causar o *bullying*, mas a maioria está atribuindo o fenômeno a fatores externos à escola, com a desigualdade social, a ausência da família na educação entre outros. Mas não é citado nenhuma vez a escola, sendo ela parte, também, de práticas sociais, sendo ela também um lugar que educa. Os motivos são diversos e os ou as entrevistadas(os) não estão equivocados ao trazerem a família, a desigualdade social, diferentes culturas. Tudo isso, realmente, vai se relacionar com o *bullying*. Porém, a escola não deve negar sua responsabilidade e, também, o compromisso a serviço da formação, do desenvolvimento para a cidadania, pois são questões que podem ser trabalhadas internamente. A escola não está isolada da sociedade, se na família, na rua temos a intolerância, o desrespeito, a violência, dentro da escola também teremos.

As instituições precisam se atentar a estes fatos e começar a repensar mais sobre novas iniciativas. Carvalho (2011), vem ao encontro com este pensamento nosso ao pontuar sobre a responsabilidade da escola e ressalta em sua pesquisa que ouvir os alunos e alunas e ajuda-los a resolver seus conflitos é essencial, mas que para além das queixas impostas sobre a família e a violência da desigualdade

presente na nossa sociedade é preciso repensar as relações que se firmam nas escolas e no ensino que se oferta aos alunos e alunas, em que tal ensino pode estar contribuindo para o *bullying*. Para a autora uma escola com infraestrutura inadequada, ensino descolado da realidade, sem criticidade, sem espaço para a cultura local, sem vínculo com a comunidade favorece o ambiente hostil, em sua visão, um bom trabalho pedagógico e uma escola democrática pode beneficiar tanto as e os educadores quanto as e os educandos.

Ainda sobre as diversas formas de enfrentamento ao *bullying*, outros relatos, como o colhido pela pesquisadora Mello (2018) reforçam que os professores e professoras buscam com empenho a resolução do fenômeno, mas relatam que tais ações por vezes são pontuais e limitadas, conseguindo ir apenas até um certo ponto.

[...] o padrão é mais ou menos sempre o mesmo, a gente tenta conversar com o agressor, né? [...] chama [...] não resolveu [...] viu que se repetiu [...] a gente encaminha pra direção da escola [...] e a direção da escola toma lá as providências que ela acha que é necessário [...] a gente sempre chama também a mãe da vítima pra conversar, pra algum encaminhamento, pra alguma coisa que se for necessária [...] aí é com a direção [...] que é até onde a gente pode ir [...] até onde o professor pode ir [...] a gente tenta [...] fala com o aluno [...] fala com o pai [...] fala com a mãe [...] só que assim, aqui pelo menos nessa escola, a nossa ação vai até esse ponto só [...] é onde a gente é orientado a ir [...] (P2EI) (MELLO, 2018, p.102).

Um dado interessante é trazido pela pesquisadora Mello (2018), ao relatar uma professora ou professor, entrevistado(a), que o *bullying* escolar pode ser algo muito maior que apenas questões escolares internas:

[...] O bullying pra mim ele é um fenômeno que [...] ele não pode ser olhado apenas do ponto de vista de sala de aula ou de escola, ele é representação de algo maior, que é ligado a [...] imagem social das crianças, no caso [...] aqui a gente trabalha numa escola de periferia, então a representação de bullying que as nossas crianças têm é diferente da representação de bullying que crianças com outras vivências têm... então, pra mim, bullying remete a uma situação de violência escolar repetida, constante, não apenas física, mas também psicológica. (P6EIII) (MELLO, 2018, p.93 e 94).

Neste relato do(a) “P6EIII”, existe por parte do(a) docente a preocupação quanto aos inúmeros fatores que podem promover o *bullying*, que não pode ser olhado apenas no ponto de vista de sala de aula ou escola, que suas particularidades devem ser observadas, que outras questões podem influenciar para que tais ações ocorram. O ou a professora chama a atenção para as diferenças culturais, que o *bullying* não vai acontecer da mesma maneira em todos os lugares, e ao final o ou a docente faz

um resumo do que ele ou ela acha ser *bullying* e está bastante de acordo com as autoras usadas por nós neste trabalho.

A autora Fante (2005), destaca esta questão, ressaltando que o *bullying* pode ocorrer em qualquer local no qual existam relações interpessoais, como nas famílias, locais de trabalho entre outros, portanto, mostrando compreender o conceito do termo *bullying*, no relato acima citado, fica evidente que o fenômeno pode estar associado a uma gama de fatores que devem ser estudados de forma particular.

Em outro relato é evidenciado um pensamento do ou da entrevistada(o), que o *bullying* se trata de fenômeno complexo e exige a mobilização de todos, que professores e professoras precisam ter disposição e se unir para que seu enfrentamento seja eficaz, como mostra o relato a seguir:

Tem que ter enfrentamento da situação e muitas vezes esse enfrentamento é além do professor, porque perpassa uma dimensão social, uma dimensão histórica, que muito professor quer desconsiderar e aí você não consegue [...] Se tiver essa disposição para o enfrentamento [...] por parte de todos os professores envolvidos no processo, porque não adianta, em uma situação de bullying [...] É complexo e precisa de [...] eu acho que de uma sinergia entre todos os envolvidos [...] mais dos adultos envolvidos do que das crianças [...] (P6EIII) (MELLO, 2018, p.102).

Outros relatos evidenciam situações em que os professores e professoras se sentem solitários frente ao enfrentamento do fenômeno *bullying*:

Me sinto assim remando contra a maré, o que o que eu faço aqui, eles deixam aqui, porque lá na casa deles não tem [...] entendeu? Só que assim, eu faço mesmo assim, porque eu penso que eu tô plantando uma sementinha ali, que um dia, de repente brote, né? O trabalho de professor, ele é de formiga, né? Então, alguma coisa eu penso que [...] ou com alguém [...] eu vou conseguir, né? Tem que ser assim [...] tem que pensar assim [...] (P10EIV) (MELLO, 2018, p.103).

[...] Então é uma coisa que eu me sinto abandonada eu precisaria de mais apoio, em todos os cantos vamos dizer assim [...] precisaria de assistente social, todo mundo trabalhando juntos, psicólogos pra que se a gente soubesse como lidar com isso [...] (P3EI) (MELLO, 2018, p.103).

[...] que demanda intervenções, eu acho que não só do ponto de vista de professor, mas de comunidade escolar e política pública também, que é o que a gente sente falta hoje, porque as ações tomadas são isoladas, são pontuais, direcionadas, cada professor faz o que acha que vai resolver, a gente se sente sozinho, tampando o sol com a peneira. (P6EIII) (MELLO, 2018, p.103).

[...] Até porque professor é um, a escola é uma estrutura dentro da sociedade, professor não vai resolver sozinho [...] se ele não tiver o apoio de outros setores, ele não resolve sozinho, o professor não vale nada [...] não vale nada [...] A gente não faz sozinho [...] professor sozinho não faz milagre [...] É difícil, viu? Porque você está falando dessa escola e, especificamente, aqui é uma situação difícil [...] aqui é uma situação bastante complicada, aqui é muito

difícil [...]Eu estou aqui já há muitos anos, porque eu tenho motivos pra não querer sair daqui, entendeu? Porque eu trabalho por dinheiro [...](P2EI) (MELLO, 2018, p.103).

Nos relatos do(a) “P10EIV”, “ P3EI” e “P6EIII”, é perceptível que se mostram solitários ou solitárias quanto ao enfrentamento do *bullying*, mas elas e eles, acreditam que seu papel de docente é importante e que podem tentar ajudar seus alunos e alunas, reconhecem que não contam com muito apoio e isso seria necessário. Ainda dizem sobre intervenções com a comunidade escolar, e políticas públicas, que por não terem auxílio de nenhum lado, acabam na tentativa de agir sozinhos, o que não é fácil, tão pouco a forma mais eficaz.

No relato do(a) “P2EI”, a fala é diferente, é visível que este entrevistado(a) está muito desmotivado(a), pois diz em sua fala: “o professor não vale nada”, “professor sozinho não faz milagre”, depois ao final de sua fala ainda diz: “Porque eu trabalho por dinheiro”, mostrando não acreditar mais sua profissão, parece demonstrar até um certo despreço, que faz por obrigação, que seria apenas pelo dinheiro. Triste são estes casos em que os profissionais já se sentem desesperançosos quanto a suas práticas, que podem sim ser transformadoras e enriquecedoras na vida das e dos discentes.

Apesar de existir muitos profissionais que estão assim, como o entrevistado(a) no relato acima, outros ainda creem e buscam melhorias. Acreditam que práticas intersetoriais no enfrentamento contra o *bullying* são eficazes. Os relatos abaixo evidenciam seus pensamentos sobre esta questão:

Agora, se você fala assim, “Ah eu me sinto sozinha na sala de aula” e fecha a sua porta e vai fazer sozinho, sinto muito, continue sozinho e se você ficar esperando direção da escola fazer [...]sinto muito, colega, você vai continuar sozinho. Então, o que a gente tem que fazer pra conseguir fazer alguma coisa, é pensar, é procurar [...] olha, “ah, você tem os objetivos próximos de mim, eu também tenho e você também tem, então vamos ver o que que a gente pode fazer junto?” E vamos fazer o que dá, porque aí a gente consegue alguma coisa, senão, não consegue nada [...]Só que precisa de ter disposição por parte de todos os professores envolvidos no processo, porque não adianta, em uma situação de bullying precisa de [...] eu acho que de uma sinergia entre todos os envolvidos. (P6EIII) (MELLO, 2018, p. 103).

[...] eu acho que tem que mobilizar o máximo de instituições e órgãos possíveis e fazer de forma intertextual essas ligações. Haver um diálogo entre a escola com, sei lá, a igreja local, falar a mesma linguagem, com o posto de saúde, porque não adianta a gente tratar o bullying, eu acho que a gente tem que pensar além, que a gente tem que tratar o que ocasiona a prática do bullying. Qual é o problema? [...] Então a gente tem que atingir as famílias também. Não adianta a gente atingir o aluno, porque enquanto ele está supervisionado ele não pratica, mas e quando ele vai pra casa? O que o pai

vai ensinar pra esse filho? Vai ensinar que quando alguém xingar, ele tem que ir lá e bater na pessoa ou ele aprender a conversar e oferecer um diálogo [...]Então, se as instituições dialogassem em benefício da comunidade local, haveria mais possibilidades de atenuar e construir uma cultura local de paz e não só nos alunos, porque isso seria muito a longo prazo, a gente faz uma construção agora com os alunos, chega em casa, desconstrói... aqueles que conseguem permanecer numa mentalidade de paz, de não agressão [...]vai passar isso pros filhos [...] então [...] é uma coisa muito demorada, para as próximas gerações[...] (P1EI) (MELLO, 2018, p. 103 e 104).

[...] A escola sozinha nunca vai dar conta de nada, quem consegue fazer que a escola funcione é a sociedade, então tem que partir da sociedade para que a escola funcione direito[...] (P3EI) (MELLO, 2018, p.104).

Os relatos descritos acima, afirmam que as e os docentes tem consciência de que o enfrentamento do *bullying* precisa acontecer de forma ampla e integrada, ou seja, com mais de um setor envolvido, sendo estes, toda a escola (docentes, direção, coordenação, funcionárias e funcionários, alunos e alunas) além de pais, mães, a comunidade e outros profissionais aliados a escola, assistente social e psicólogas e psicólogos. O que deixa claro que, de forma isolada ou pontual suas práticas não terão bons resultados. Os e as professoras da pesquisa de Mello (2018), demonstram assim, de certo modo, maior clareza quanto as possibilidades reais de enfrentar o *bullying* e entendendo a necessidade de todos nessa luta.

Após análise das três pesquisas escolhidas, foi possível concluir por meio dos relatos das e dos professores que, se tratando da distância entre uma pesquisa e outra, a de 2008 e 2016 por exemplo, nós temos uma mudança na compreensão sobre o fenômeno, a pesquisa de 2008 de Oliboni mostra docentes considerando o *bullying* ainda brincadeira ou algo próprio da idade e dificuldade em conceituar e em 2016 no estudo de Chiorlin parece ser melhor interpretado. Os e as professoras opinam com mais propriedade sobre o que é *bullying*, porém quanto ao enfrentamento do *bullying*, ainda existem muitas dificuldades e nesse estudo alguns e algumas professoras demonstram dificuldade de agir perante o *bullying*, alguns dizem não intervir, não agir, dar sequência no conteúdo. Na pesquisa mais recente, da Mello realizada no ano de 2018, mostra já um avanço, notamos que a compreensão da temática se faz mais clara e as professoras e professores conseguem identificar melhor o fenômeno, porém, muitos se perguntam ainda qual atitude tomar frente a questão. Os e as professoras se sentem sozinhos e por vezes impotentes diante dessa violência, identificando que precisariam de mais apoio ou de algo maior para realmente superar o *bullying*.

Como justificado no início desta pesquisa, comprovamos que a temática *bullying* não é tão debatida nos cursos de licenciatura, sendo tema trabalhado de forma bastante superficial nas graduações, o que de fato não dá base para que nós futuros e futuras docentes, tenhamos segurança em lidar com tais ações caso venham a acontecer nas instituições de ensino que ingressaremos para trabalhar.

Como as autoras e os autores que tivemos como base para a construção desta pesquisa evidenciam, várias são as questões que podem favorecer as ações de *bullying*, como a desigualdade social, de poder, o racismo, machismo, homofobia, capacitismo, gordofobia entre outros. Precisamos ainda, compreender melhor e respeitar as diferenças, a cultura, a diversidade, enfrentar as intolerâncias, agressões e violência no espaço da escola e também na sociedade no geral.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *bullying*, embora seja tema estudado desde os anos de 1970, perpassando seus 49 anos de história até a atualidade, não obteve tantos avanços quanto deveria ter ocorrido. Houveram sim pesquisas, buscas por soluções, enfrentamentos em diversos países. Mas, que se tratando, especificamente da realidade brasileira, nós ainda podemos perceber que mesmo a compreensão da temática, se faz pouco clara no espaço da escola, no campo da Educação.

Por diversas vezes, as professoras e professores das três pesquisas analisadas, embora identifiquem o fenômeno, não sabem como agir e demonstram incertezas quanto ao seu enfrentamento. Poucas pesquisas, conforme nosso levantamento bibliográfico mostrou, discutem o *bullying* na visão dos e das docentes, talvez este seja um dos motivos de estarmos um pouco distantes da superação do fenômeno nas escolas do nosso país.

É necessário que se centralizem mais, ao menos no campo da Educação, em pesquisas na atuação docente visto que alunas e alunos passam grande parte do tempo nas escolas e que são os e as educadoras os mediadores das relações sociais nas salas de aula, além de profissionais altamente capazes de intervir e de oferecer uma educação crítica e mais humana.

Conforme visto ao longo das páginas do nosso trabalho, buscamos, portanto, nessa pesquisa, trazer respostas, ainda que provisórias, a respeito da visão dos professores e professoras sobre o *bullying*.

Percorremos um longo caminho até chegarmos nos resultados, fizemos um vasto levantamento bibliográfico e a partir das nossas pesquisas, descobrimos o quanto a temática do *bullying* é pouco centrada nas professoras e professores, nesse sentido, esse nosso primeiro resultado de pesquisa serve como um alerta para investigações futuras a respeito dessa temática.

Me engajei, dentro do campo da Educação, nessa pesquisa para tentar colaborar na busca de uma maior compreensão sobre o fenômeno, fazendo do meu estudo uma forma de diminuir a ausência de uma reflexão e entendimento a partir de professoras e professores sobre o tema.

Meu esforço foi uma tentativa, mas acreditamos – minha orientadora e eu- que esta pesquisa é uma porta aberta e que ainda são necessários outros estudos e

trabalhos, que outras pessoas deem continuidade por essa busca que ainda deve ser contínua por uma escola que aceite as diferenças e consiga educar para a convivência pacífica entre todas e todos.

A partir deste trabalho finalizado, eu me transformei como pedagoga, compreendo agora o que é o *bullying*, tendo essa temática grande impacto na minha formação. Para mim, foi de grande importância escrever todo esse trabalho porque acredito que nós, futuros ou futuras professoras ou professores, precisamos nos empenhar cada dia mais no compromisso com a educação para todos e todas. Precisamos ter um olhar mais sensível quanto aos nossos alunos e alunas e devemos buscar e prezar sempre pelos seus direitos (além de deveres). Ou seja, pela permanência na escola, inclusão, não-discriminação, não-violência, independente do que for, devemos lutar e ser constantes motivadoras e motivadores das boas relações sociais na escola, do respeito, dos direitos humanos, da diferença e da diversidade.

Além de ser importante para a minha formação como profissional individual, compreendo que um trabalho, como apresentado, na Pedagogia ou em outras licenciaturas, contribui muito quando o foco desse trabalho são os professores e professoras, quando a contribuição vai de algum modo para a sala de aula. Porque muitas pessoas opinam sobre a educação, falam das escolas e as vezes são as pessoas que menos atuam nesse contexto, com propostas inviáveis que nem chegam a contribuir com o chão de uma sala de aula.

O *bullying*, conforme ao longo do trabalho já dissemos é um tema que está em alta, as pessoas falam sobre isso, aparece na mídia, existem tragédias relacionadas ao *bullying*, mas isso não significa que os professores e as professoras tenham clareza do que seja o fenômeno. Uma coisa é o que a mídia traz, uma outra coisa é uma definição, a partir de estudiosos e estudiosas, então para mim foi de extrema importância ter feito este trabalho, porque tive acesso a definição científica, com base em pesquisadores e pesquisadoras que pensaram realmente sobre o tema, que estudaram, investigaram e foram para as escolas. Assim construí a consciência de que o *bullying* não é uma brincadeira, não é algo corriqueiro, mas sim algo que pode trazer muitos sofrimentos as vítimas e agressoras e agressores afetando o ensino aprendizagem e até mesmo a permanência das crianças e adolescentes na escola.

Acreditamos que a Psicologia deu e tem dado uma contribuição imensa, a principal, para pensar sobre o *bullying*, e com essa área nós devemos dialogar para enfrentá-lo. Contudo, nós ainda precisamos avançar e trazer esta discussão para o

campo da Educação, de forma mais aproximada, não basta sabermos o que o *bullying* causa às vítimas e agressores (apesar disso ser importantíssimo), precisamos saber, também como ele impacta na qualidade da educação, como pensar o tema junto com os professores e professoras, como refletir formação, como pensar o papel da gestão, questões mais próximas da área da Pedagogia.

Poderíamos nos questionar: Quem são as pessoas que nós estamos formando? Elas estão capacitadas para lidar com a violência? Com a exclusão na escola? Enfim, são diversos os questionamentos que podemos fazer. A pesquisadora Fante (2005, p.49), destaca que as e os docentes tem papel fundamental tanto na prevenção, no enfrentamento e auxílio de seus alunos e alunas frente a problemática do *bullying*, que é definido por ela como: “[...] comportamentos produzidos de forma repetitiva num período prolongado de tempo contra a mesma vítima [...] ocorrem sem motivações evidentes; são comportamentos deliberados e danosos”. As causas segundo estudos podem ser diversos necessitando de um olhar mais aprofundado em que sejam investigadas suas particularidades.

Mas esse conceito como vimos no trabalho, passou por transformações na mentalidade dos professores e professoras. Ao comparar a pesquisa da autora Oliboni do ano de 2008 com a pesquisa da autora Mello do ano de 2018, se tratando de um trabalho mais recente, conseguimos perceber as diferenças a respeito do *bullying* neste intervalo comparativo de 10 anos.

Essa discussão tem a ver com o nosso segundo objetivo que foi compreender quais eram as concepções que os professores e professoras tinham sobre o *bullying*. Os resultados demonstram que se tratando das percepções sobre o fenômeno, os relatos colhidos pela autora Oliboni (2008), revelam que a concepção que se tinha sobre a temática não era muito elaborada, não estava muito clara. A segunda pesquisa analisada da autora Chiorlin (2016), mostrou avanços quanto a compreensão do fenômeno e já no terceiro trabalho, da autora Mello (2018), já foi possível notar relatos mais elaborados, mais próximos à definição do termo.

A respeito das ações tomadas frente ao *bullying*, nos três trabalhos analisados, podem ser caracterizados em três tipos: professores e professoras que consideram como brincadeira, coisa da idade; docentes se sentem só quanto as práticas que poderiam desempenhar melhor no enfrentamento do fenômeno; e educadores e educadoras que não enfrentam, fazem de conta que nada veem.

Como as autoras e os autores que tivemos como base para a construção desta pesquisa evidenciam, várias são as questões que podem se vincular as ações de *bullying*, como questões raciais, de gênero, sexualidade, deficiência, classe social entre outras. Além claro de uma escola pouco estruturada, descolada da comunidade, com salas superlotadas, profissionais desvalorizados, entre outros.

Atualmente a LDB foi alterada pela Lei 13.663/18. No artigo 12, foi incluído a: “promoção de medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência e a promoção da cultura de paz entre as incumbências dos estabelecimentos de ensino.” Que passa a vigorar dois incisos, IX que diz sobre o combate especialmente a intimidação sistemática (*bullying*) nas escolas e inciso: X que fala sobre promover ações para a cultura da paz nas escolas.

Em termos de lei, foi instituído pela Lei nº 13.185/15 o Programa de Combate a Intimidação Sistemática (*bullying*), e segundo tal lei é obrigação e, portanto, dever das escolas demais instituições de ensino combater o fenômeno *bullying*.

Com base nas pesquisas realizadas acentuamos, portanto, que, apesar de todas as dificuldades enfrentadas nas escolas, a professora ou o professor, em trabalho conjunto com toda a comunidade escolar, por meio de projetos e diálogos com as famílias e a comunidade, envolvendo todos e todas nessa esfera escolar, em que se busque valores, respeito as diferenças, a inclusão, a reciprocidade, portanto a cooperação, terá sim grandes possibilidades de enfrentar o *bullying*. Acreditamos que em um tempo próximo, com muita luta, ainda seremos integrantes de grandes feitos em que a diferença do outro seja apenas considerada como grande privilégio para somar com novos saberes e não motivo de intolerância. Acreditamos, também, que a escola é poderosa no que diz respeito a transformação da sociedade, que por meio dela, muita coisa pode mudar para melhor.

Mesmo com todos os obstáculos, mesmo que ainda tenhamos críticas em relação a algumas opiniões dos professores e professoras aqui trabalhados, já é possível ver avanços, nas narrativas estudadas existem muitas pessoas que querem enfrentar de fato o *bullying* e ainda que sozinhos e sozinhas sem o apoio devido da escola e demais setores, buscam por soluções. Não que isso seja o ideal, não estamos querendo heróis e heroínas, pessoas que vão se sacrificar e enfrentar os problemas sozinhas, mas a questão é que isso já sinaliza que os professores e professoras, se ainda não possuem capacidade, não estão totalmente aptos e não dispõem de apoio real para enfrentar o *bullying*, muitos deles e delas ao menos tem a

consciência da importância do enfrentamento. Ou seja, estão resistindo e lutando pela escola.

Finalizamos, com a autora Fante (2005), que começou a dar visibilidade para o *bullying* nos anos 2000, no Brasil, quando defende que é necessário que a educação caminhe sempre por vias que conduza e estimule a paz, a solidariedade, a tolerância e o amor, importantes componentes que precisam ser cativados sempre, seja na criança, no ou na adolescente, no ou na jovem ou ainda mais para aqueles e aquelas que trilham e se dedicam a arte que é educar.

REFERÊNCIAS

ANGELUCCI, Carla Biancha. Medicalização das diferenças funcionais: continuísmos nas justificativas de uma educação especial subordinada aos diagnósticos. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente- SP, v.25, n. 1, p.116-134, jan/abr. 2014.

ANTUNES, Deborah Christina; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. **Psicologia e Sociedade**, 20, p. 33-41, 2008.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação, nº 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm.

BRASIL, **Lei nº 13.185** de 06 de novembro de 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm.

BRASIL, **Lei nº 13.663** de 14 de maio de 2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2015-2018/2018/Lei/L13663.htm.

CARVALHO, Marília Pinto. **Violências nas escolas: o “bullying” e a indisciplina**. 2011. Disponível em: < <http://mineiros.com/violencias-nas-escolas-o-bullying-e-a-indisciplina/>> Acesso em: 28 mai. 2019.

FANTE, Cléo. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas: Verus Editora, 2005.

FANTE, Cléo; PRUDENTE, Neemias Moretti. **Bullying em debate**. Cidade: São Paulo. Editora Paulinas, 2018.

FRANCISCO, Marcos Vinicius; LIBÓRIO, Renata Maria Coimbra. Um estudo sobre bullying entre escolares do ensino fundamental. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. v. 22, n. 2, p. 200-207, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GISI, Maria Lourdes, VAZ, Fabiana Andrea Barbosa; VALTER, Cristina Crescêncio Nabosne. Bulling: um desafio para a formação de professores. ANPEDSUL - seminário de pesquisa em educação da região sul, 9, 2012. Caxias do Sul. **Anais**. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul. 2012.

LIMA, Telma Cristiane Sasso; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál**. Florianópolis, v.10, p. 37- 45, 2007.

LISBOA, Carolina; BRAGA, Luiza de Lima; EBERT, Guilherme. O fenômeno bullying ou vitimização entre pares na atualidade: definições, formas de manifestação e

possibilidades de intervenção. **Contextos Clínicos**. São Leopoldo, v. 2, n. 1, p. 59-71, jun. 2009.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. 6 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2007.

NETO, Aramis A. Lopes. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, v. 81, n. 5, p. 164- 172, 2005.

OLIVEIRA, Anna Luiza Araújo Ramos Martins. Os estudos culturais e a questão da diferença na educação. **Revista educação em questão**, 34, 33-62, 2009.

OLIVEIRA, P. S. Caminhos de construção da pesquisa em ciências humanas. In: OLIVEIRA, P. S. (org.). **Metodologia das ciências humanas**. São Paulo: EDUNESP, 1998. p. 17 – 26.

OLIVEIRA, Wanderlei Abadio; SILVA, Marta Angélica Lossi; MELLO, Flávia Carvalho Malta; PORTO, Denise Lopes; YOSHINAGA, Andréia Cristina Mariano; MALTA, Deborah Carvalho. Causas do bullying: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar. **Revista latino-americana de enfermagem**, v. 23, n. 2, p. 275 - 282, 2015.

RISTUM, Marilena. Bullying escolar. In: ASSIS, Simone Gonçalves; CONSTANTINO, Patricia; AVANCI, Joviana Quintes (Org.) **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores** [online]. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/ Editora FIOCRUZ, 2010.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto (org). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.



**INSTITUTO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA**
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
GOIÁS

Documento Digitalizado Público

Tcc Versão Final/ Ata de Defesa/ Termo de aprovação

Assunto: Tcc Versão Final/ Ata de Defesa/ Termo de aprovação

Assinado por: Gracielly Prado

Tipo do Documento: Requerimento

Situação: Finalizado

Nível de Acesso: Público

Tipo do Conferência: Cópia Simples

Documento assinado eletronicamente por:

- **Gracielly Silva Prado, AUX EM ADMINISTRACAO**, em 03/02/2020 12:45:45.

Este documento foi armazenado no SUAP em 03/02/2020. Para comprovar sua integridade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/verificar-documento-externo/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 40515

Código de Autenticação: 14ee948f01

